



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA – DEPSI

**CAIUBI LIMA RUBIM**

**A IMPLICAÇÃO DA MANIFESTAÇÃO FOLCLÓRICA DO BUMBA-MEU-BOI DO  
MARANHÃO NAS RELAÇÕES GRUPAIS, A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA  
GESTÁLTICA**

São Luís  
2018

**CAIUBI LIMA RUBIM**

**A IMPLICAÇÃO DA MANIFESTAÇÃO FOLCLÓRICA DO BUMBA-MEU-BOI DO  
MARANHÃO NAS RELAÇÕES GRUPAIS, A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA  
GESTÁLTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, com formação em Psicólogo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. Wanderléa Nazaré  
Bandeira Ferreira.

São Luís  
2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

RUBIM, Caiubi Lima.

A implicação da manifestação folclórica do Bumba-meu-boi do Maranhão nas relações grupais, a partir de uma perspectiva Gestáltica / Caiubi Lima RUBIM. - 2018.  
56 f.

Orientador(a): Wanderlea Nazaré Bandeira FERREIRA.  
Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,  
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Abordagem Gestáltica. 2. Bumba-meu-boi. 3. Processos Grupais. I. FERREIRA, Wanderlea Nazaré Bandeira. II. Título.

Ao meu pai, por toda a paixão pela cultura maranhense  
passada para meu sangue.  
A Humberto de Maracanã (*in memoriam*) e a todos os  
amos do Maranhão.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, por darem toda a base e incentivo para que eu chegasse à minha formação acadêmica, que me deixaram livre para eu ser e me transformar no que sou e no que quero.

Agradeço ao meu irmão por sempre ter estado ao meu lado nos melhores e piores momentos, em ter construído a vida comigo.

Agradeço a Amanda Albuquerque, Alice, Duda, Amanda Libânio, Dedé e Felipe por serem minha segunda família, sempre prontos para ouvir, estender a mão e compartilhar amor. Também a Maria Luísa, Livia e Joaquim que vieram ao mundo para me dar uma nova função, de tia maluquinha e babona.

A professora Mestre Wanderlea Bandeira Ferreira, por ter me apresentado a Gestalt-terapia, a ter nutrido meu conhecimento sobre essa teoria que escolhi ou fui escolhida, por ter confiado no meu potencial quando nem eu mesma alimentava esperanças, por mostrar tanto afeto e ter me presenteado com sua amizade.

Agradeço ao Grupo de Estudos em Gestalt-terapia Integrar – UFMA, pois graças às trocas com vocês me apaixonei a cada dia pela abordagem, trazendo mais aprofundamento e leveza nos meus estudos.

Ao meu supervisor técnico de estágio Paulo Guilherme, pelo acolhimento no ambiente de trabalho, pela preocupação em me preparar o máximo possível para a atuação como psicóloga, não só na área jurídica mas em todas as outras, destacando sempre que o diferencial de nossa profissão é o olhar diferenciado e empático sobre o indivíduo e sua singularidade.

Agradeço a Bruno pelo companheirismo, apoio e amor dedicados nesses anos em que escolhemos vivermos juntos.

Aos meus queridos amigos desde o ensino médio, Jessica, lasmin, Hindi, Ytalo, Victoria, Paulo, Delon e Yago, que estão há 10 anos compartilhando comigo as mudanças que a vida adulta traz, as realizações de sonhos, o prazer pelo conhecimento, pelas leituras (o clube do livro foi a segunda melhor realização nesse ano depois de concluir meu curso, obrigada a Jeka, Armin e Vic), pelos filmes e pelas cervejas (é muito bom ter Dimdim com a melhor cerveja de São Luís como amigo).

Agradeço as minhas amigas Carol, Teresa, Adriana e Sarah por todas as perturbações académicas compartilhadas, pelo apoio e motivação preciosos para ajudar a alcançar meus sonhos, por toda a sinceridade, amizade e diversão nesses anos como colegas de curso, e em breve como colegas de profissão. Em especial a Adriana que começou esse ciclo académico comigo no primeiro período do curso e o encerra sendo minha parceira de estágio.

A Gabi por todos os cafés quentinhos e as conversas descontraídas para aliviar a pressão do cotidiano.

Agradeço ainda a Thaisa, Maurícia, Dani, Rafael, Carléa e tantos outros amigos que o curso de Psicologia colocou na minha vida, mesmo com a distância que a rotina traz e com os caminhos diferentes traçados, estão no meu coração.

A Migovictor, Rayssa, João Gabriel, Karina, Adiel, Rafael, Felipe, Ariel, Neto, Hudson, Amor e Jon, por serem meus companheiros de sorrisos, de viagens, de discussões do lixo ao luxo, de bobagens no whatsapp, de em todas as oportunidades possíveis que conseguimos acompanhamos um boi.

Por fim, agradeço a todos os professores, todos os amigos e colegas que passaram pela minha vida e ajudaram a construir até aqui a minha história, pois cada um foi uma peça fundamental para superar as pedras no caminho e a vibrar com os melhores momentos trazidos no percurso.

As pessoas normais parecem sentir uma necessidade de ritual. Se numa ocasião importante não houvesse nenhum ritual – nenhum brinde, aperto de mão, discurso, cântico, nenhuma cerimônia de qualquer tipo – tudo pareceria sem sentido e vazio. O ritual parece dar a tal experiência ordem, forma e objetivo. Em termos gestálticos, poderíamos dizer que torna mais evidente, faz a figura sobressair mais nitidamente.

Fritz Perls

## RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar, a partir de referenciais teóricos, como a manifestação folclórica do bumba-meu-boi do Maranhão implica nas relações grupais, sob uma perspectiva Gestáltica. Para atingir seu objetivo, a pesquisa busca conhecer o contexto histórico e características do bumba-meu-boi do Maranhão, investigar os pressupostos teóricos da Abordagem Gestáltica, identificar as suas contribuições conceituais sobre relações grupais e revelar a influência das crenças religiosas na identidade grupal maranhense. O bumba-meu-boi do Maranhão é considerado a maior festa maranhense e a manifestação folclórica popular de maior representatividade do seu estado. Tal evento acontece por meio de um ciclo festeiro, que domina durante todo o ano a vida dos brincantes para destacarem os grupos na temporada junina. A pesquisa é qualitativa e de cunho bibliográfico com a análise a partir do enfoque Gestáltico, no qual o interesse é pela figura da pesquisa dando grande importância ao seu contexto. Os descritores utilizados na captação de artigos científicos e livros sobre os temas, foram “bumba-meu-boi”, “manifestação folclórica”, “processos grupais”, “Gestalt-terapia”, “Gestalt e grupos”, “Abordagem Gestáltica”. Dessa forma, conclui-se que os grupos de bumba-meu-boi são veículos para satisfação de necessidades individuais e sociais, pois manifestam sua fé sem necessariamente precisarem de uma instituição ou igreja, bem como resistem perante uma sociedade atual que gratifica a individualidade, trabalhando em grupo com seus membros na expressão da tradição popular. Assim, é pelo contato entre membros-grupos e grupos-comunidade que os laços afetivos são fortalecidos e por meio deles há crescimento e desenvolvimento de suas potencialidades.

**Palavras-chave:** Bumba-meu-boi. Processos Grupais. Abordagem Gestáltica.

## ABSTRACT

The project aims to analyze, from theoretical references, how folkloric manifestation of Bumba-meu-boi of Maranhão implies group relations, from a Gestalt perspective. In order to reach its objective, the research seeks to understand the historical context and characteristics of Bumba-meu-boi of Maranhão, to investigate the theoretical assumptions of Gestalt therapy and to identify the theoretical contributions about group relations, reveals the influence of religious beliefs in the identity of groups in Maranhão. The Bumba-meu-boi is considered the largest festivity and the popular folk manifestation of greater representativeness in Maranhão. The traditional performances happen at a festival, which dominates throughout the year the life of the participants to highlight the groups during the celebrations in June. And, to understand the dynamics of the group process, it has the Gestalt Approach as a referential anchor. The research is qualitative and uses the bibliographic method with the analysis made from the Gestalt approach, in which the interest is for the research itself giving great importance to its context. The descriptors used in the collection of scientific articles and books on the themes were "Bumba-meu-boi", "folk manifestation", "group processes", "Gestalt therapy", "Gestalt and groups", "Gestalt approach". Thus, it is concluded that the Bumba-meu-boi groups are vehicles for the satisfaction of individual and social needs, as they manifest their faith without necessarily needing an institution or church, as well as resisting against a current society that gratifies individuality by working in groups with its members in the expression of popular tradition. Therefore it is through contact between members-groups and community-groups that the affective bonds are strengthened and through them, there are growth and development of their potentialities.

**Keywords:** Bumba-meu-boi. Group processes. Gestalt Approach.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 ENTRE LENDAS, CRENÇAS E RESISTÊNCIA: UM BREVE HISTÓRICO DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 Conservando a tradição e atualizando significados: o ciclo festeiro e os diversos sotaques.....</b>	<b>20</b>
<b>3 CONTATANDO COM A ABORDAGEM GESTÁLTICA.....</b>	<b>27</b>
<b>4 O PROCESSO GRUPAL SOB O ENFOQUE GESTÁLTICO.....</b>	<b>35</b>
<b>5 METODOLOGIA.....</b>	<b>41</b>
<b>6 ANÁLISE E DISCUSSÃO.....</b>	<b>44</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse despertado em mim para pesquisar sobre os grupos de bumba-meu-boi do Maranhão surgiu desde o início da minha vida acadêmica por estar em contato constante com a cultura popular maranhense. Desde a infância acompanho a manifestação cultural do bumba-meu-boi, como os grupos de Macaranã e Maioba. Quando universitária, meu envolvimento com os festejos juninos foi intensificado, fazendo presença em ensaios dos grupos de sotaque de matraca, arraiais durante o mês de junho e nas rodas de tambor de crioula durante todo o ano. No mesmo período universitário, comecei a fazer parte de organizações de eventos culturais dentro da Universidade Federal do Maranhão com colegas do Observatório Cultural SLZ em 2013. Também participei no ano de 2014 como brincante<sup>1</sup> do grupo de sotaque de orquestra Bumba-meu-boi de São Simão.

Na minha jornada acadêmica, no entanto, não fiquei ciente de trabalhos científicos dentro do curso de Psicologia que abrangesse as manifestações populares do Maranhão, salvo as pesquisas de mestrado e doutorado da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Maia Lameira sobre o Tambor de Crioula do Maranhão sob a perspectiva psicanalítica.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Maranhão (IPHAN/MA, 2011b), existem cerca de 450 grupos de bumba-meu-boi no Maranhão, em 70 dos seus municípios. Considerando que de acordo com Oliveira (2003) foram identificados 223 grupos no estado em 2003, o número de grupos maranhenses aumentou 50,4% em apenas oito anos.

Este dado aponta que a manifestação do bumba-meu-boi no estado do Maranhão está em constante crescimento e cada vez mais bem recebida pela população maranhense e pelos turistas. Um dos motivos que pode ter provocado esse aumento de grupos dedicados aos festejos juninos é a valorização do bumba-meu-boi na indústria de turismo do Maranhão, pois foram os grupos de bumba-meu-boi quem chamaram a atenção do governo e município para abertura de editais,

---

<sup>1</sup> Brincante é qualquer membro da brincadeira, como são chamados os grupos folclóricos, suas apresentações ou encenações propriamente ditas. Os grupos também são chamados de batalhões e tropeadas (REIS, 2005).

patrocínios, propagandas nacionais e internacionais e organizações de arraiais (IPHAN/MA, 2011b).

Os grupos de bumba-meu-boi proporcionam laços de solidariedade entre os brincantes, cumplicidade ao desempenharem as tarefas, dedicação e compromisso com o objetivo comum de mostrar ao público apresentações com qualidade e que honrem a fé dos devotos, reforçando a visibilidade da identidade maranhense, o jeito singular de ser e crer (IPHAN/MA, 2011b).

A Abordagem Gestáltica foi escolhida para a análise de dados devido a sua perspectiva unificadora do ser humano, e por acreditar que para compreender um comportamento é preciso percebê-lo numa visão ampla e seu contexto global (GINGER & GINGER, 1995). Nela acredita-se no ser humano como um ser que percebe tudo ao seu redor de acordo com suas experiências e suas percepções dentro do seu campo, organiza o que percebe como um “todo significativo” (PERLS, 1985, p.18). Da mesma forma, essa concepção estende-se ao grupo não como uma simples soma de partes, mas como associações ou cooperações resultantes de integração e fusão de individualidades em prol de uma vida, objetivo e sentido em comum (RIBEIRO, 1994). Um grupo é também um organismo, um microcosmo, presente num macrocosmo, um campo mais amplo, e funciona de acordo com suas inter-relações e interdependências.

De acordo com o Artigo 2º das Normas Complementares à Resolução 22/86 – CONSEP, relativas à Monografia de conclusão de curso, citado no Manual de Monografia de Conclusão de Curso oferecido pela coordenação do curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, os temas da monografia devem ser ligados aos campos de conhecimento do currículo e linhas do curso, e, “caso haja interesse por parte do aluno, ou se o tema o permitir, voltar-se para aspectos da realidade maranhense”.

Ademais, acreditando que as festas populares são constituintes da vida da maioria da população maranhense, e que nelas são apreendidas competências e habilidades grupais de ajuda, aceitação e trabalho em equipe, busco nesta pesquisa responder ao problema de como, a partir de referenciais teóricos, a manifestação folclórica do Bumba-meu-boi do Maranhão implica nas relações grupais, sob uma perspectiva Gestáltica? Portanto, o objetivo geral desta pesquisa é analisar, a partir de referenciais teóricos, como a manifestação folclórica implica nas relações

grupais, sob uma perspectiva Gestáltica, e os objetivos específicos são de conhecer o contexto histórico e características do bumba-meu-boi do Maranhão, investigar os pressupostos teóricos da Abordagem Gestáltica, identificar as suas contribuições conceituais sobre relações grupais e revelar a influência das crenças religiosas na identidade grupal maranhense.

A metodologia da presente pesquisa é qualitativa e utiliza o método de pesquisa bibliográfica, no qual foram feitas leituras de artigos científicos e livros sobre os temas, além de ser de sob um enfoque Gestáltico, em que o interesse debruça-se não só pela figura mas por tudo relacionado a ela, dando então grande importância ao meio.

Dito isto, a presente pesquisa tem o propósito de contribuir para a sociedade, pois o esforço dedicado por milhares de pessoas nesses grupos de bumba-meu-boi influenciam diretamente a cultura maranhense, sua economia e turismo, estão presentes nas datas comemorativas, na dança, na história do estado, além de que visa possibilitar que a população maranhense seja compreendida em sua totalidade, carregada de crenças, lendas, tradições e ritos que não devem ser pré-julgadas e que compõem sua identidade.

O estudo também visa contribuir para minha formação acadêmica, pois acredito que o profissional psicólogo precisa estar ciente das especificidades que perpassam a construção de vida de uma comunidade, aprendendo a desenvolver o trabalho psicológico considerando a totalidade do indivíduo. Também pretende contribuir para a ciência, pois esse trabalho busca provocar reflexões sobre questões relacionadas a manifestações folclóricas, baseando-se teoricamente na Abordagem Gestáltica, construindo saberes sobre processos grupais.

Na primeira seção Entre Lendas, Crenças e Resistência: um breve histórico do Bumba-meu-boi do Maranhão são traçadas algumas características gerais dos grupos maranhenses, um breve histórico sobre a aparição e manutenção das brincadeiras, as lendas que sustentam a tradição popular, o ciclo festeiro que repete-se a cada ano no estado, e finalmente, uma explanação sobre os sotaques dos grupos e seus personagens.

Na seção seguinte, Contatando com a Abordagem Gestáltica, é feita uma introdução sobre a abordagem, com ênfase nos seus pressupostos filosóficos e nas

suas teorias de base: a fenomenologia, o existencialismo, a Psicologia da Gestalt, a teoria de Campo e a teoria Organísmica. Subsequente a seção Os Processos Grupais sob um Enfoque Gestáltico destaca as contribuições da Abordagem Gestáltica sobre o funcionamento do processo grupal, suas estruturas e suas influências no indivíduo.

Em seguida, há o esclarecimento da metodologia utilizada, a análise e discussão investigando como as manifestações folclóricas repercutem nas relações grupais, de acordo com todas as informações levantadas bibliograficamente sobre a manifestação popular do Bumba-meu-boi do Maranhão sob a perspectiva da Abordagem Gestáltica. Por fim, as considerações finais do estudo.

## **2 ENTRE LENDAS, CRENÇAS E RESISTÊNCIA: UM BREVE HISTÓRICO DO BUMBA-MEU-BOI DO MARANHÃO**

As manifestações folclóricas são grupos organizados por pessoas de uma comunidade com a função de representar a cultura popular da mesma por meio de suas criações, constituintes da identidade social desse local. Os grupos folclóricos possuem quatro características: a aceitação coletiva, a tradicionalidade, a dinamicidade e a funcionalidade (COMISSÃO NACIONAL DO FOLCLORE, 1995)

O bumba-meu-boi do Maranhão é considerado a maior festa maranhense e a manifestação folclórica popular de maior representatividade do seu estado. Em 2011 foi considerado Patrimônio Cultural do Brasil e em 2018 concorre a candidatura de Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, a Unesco (OLIVEIRA, 2003; REIS, 2005; IPHAN/MA, 2011b, CARDOSO, R., 2018). Em uma mistura de fé, arte e festa, dentre tantas crenças, lendas e tradições, em 2003 Oliveira afirmou que existiam 223 grupos no Maranhão, entre grupos de sotaques de orquestra, de matraca, da baixada, de zabumba, de costa de mão e alternativos. Porém, em 2011 foram identificados 450 grupos no estado, apontando o crescimento quantitativo da manifestação popular (IPHAN/MA, 2011b). Os grupos representam a miscigenação do povo maranhense, com uma mistura de elementos do povo negro, dos índios e dos brancos.

A brincadeira, como é conhecido o espetáculo popular do bumba-meu-boi do Maranhão, é um conjunto de elementos visuais, rítmicos e cênicos, é uma ópera popular, em que se destaca a variação de figurinos, danças e composições musicais (OLIVEIRA, 2003). Seus brincantes cantam, tocam e dançam ao redor de uma armação que representa um boi, que possui o papel principal no desenvolvimento das apresentações dos grupos (REIS, 2005). Pela dança e gestos, seus integrantes se comunicam com os espectadores, articulando significados, contando histórias influenciadas por lendas e por crenças religiosas, manifestando sempre a aproximação do grupo com a comunidade (IPHAN/MA, 2011a).

A manifestação demonstra primordialmente sua capacidade de adaptação às mudanças políticas, sociais e econômicas, se fortalecendo e se moldando de acordo

com seu tempo, sem deixar para trás as tradições do seu folclore (IPHAN/MA, 2011b).

Os grupos folclóricos de bumba-meu-boi do Maranhão surgiram de brincadeiras de escravos os quais eram perseguidos pela polícia e rejeitadas pelas demais pessoas, e hoje é o folguedo mais importante e que representa o estado (REIS, 2005).

A brincadeira era uma forma de diversão e simbolicamente uma liberdade para os escravos na segunda metade do século XVIII. Fugindo do controle contínuo dos senhores de terra e dos padres jesuítas, os grupos dançavam nos terreiros das casas grandes. Acredita-se que a folgança chegou no Maranhão através dos escravos vindos da Bahia, e em terra maranhense incluiu-se novos elementos pelos escravos, trabalhadores de roça e de pequenos ofícios. Elementos europeus, como o boi-de-canastra de Portugal, foram recriados dentro dos grupos pois era uma forma de teatro europeia aceita pelos nobres e governantes da época (OLIVEIRA, 2003).

O registro impresso no Brasil mais antigo sobre essa manifestação data-se de 1840, onde o Padre José Miguel do Sacramento Lopes Gama no Jornal O Carapuceiro, de Recife, demonstrou incômodo e descontentamento com a aparição da folgança, exigindo censura, proibição e justificando ser um atentado contra os bons costumes. Já no estado do Maranhão, o primeiro registro identificado é de 1861 no Jornal A Moderação, em que o autor do texto chamou de folguedo de escravos estúpido e imoral, afirmando ser dança de negros que provocavam brigas e confusões, comprovando como o bumba-meu-boi era perseguido e excluído (OLIVEIRA, 2003; REIS, 2005; IPHAN/MA, 2011b).

Nesse período do século XIX, as manifestações de bumba-meu-boi aparentam ser proibidas. Algumas das evidências foi a escassez de escritos sobre a manifestação durante anos, e o Código de Posturas de São Luís que entrou em vigor em 1966, proibindo “batuques” fora do permitido pelas autoridades (IPHAN/MA, 2011b).

Posteriormente, na década de 1930, a festa voltou a se popularizar, porém ficava restrita para se apresentar em bairros populares, não podia se aproximar do centro onde moravam a população de classe social mais alta. Na década de 1960

aponta-se a diminuição da repressão e o aumento da valorização do folclore em todo o Brasil. Na mesma década, os grupos de bumba-meu-boi conquistaram a liberdade de se apresentarem em qualquer bairro na ilha de São Luís. O pagamento dos brincantes nesse período era feito com doações de cachaça e eram postos a disposição caminhões para transporte entre os locais de apresentação, o que ainda dura por algumas décadas (OLIVEIRA, 2003).

Finalmente, na década de 1970, o bumba-meu-boi do Maranhão é prestigiado como a principal manifestação folclórica do estado, incluindo os sotaques de zabumba e matraca, que sofreram forte repreensão devido as raízes negras e indígenas. Os grupos nesse período começaram a serem destaques em pesquisas, reportagens, artigos e divulgação, recebendo patrocínios e pagamentos por suas apresentações. O bumba-meu-boi se tornou assim, um dos maiores representantes da cultura popular e da identidade cultural do Maranhão (OLIVEIRA, 2003; REIS, 2005).

Com décadas de existência, a manifestação popular do bumba-meu-boi inclui-se nos festejos juninos principalmente devido ao catolicismo popular no Maranhão. Seguindo o calendário católico, os grupos homenageiam e louvam Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal, sendo São João o principal que rege a temporada junina, escolhido por ser a pessoa que batizou Jesus, segundo a crença. Acredita-se que São João se sente satisfeito com quem cria um grupo ou participa de um para louvação a ele. Veículos de comunicação espiritual entre santos e devotos, alguns grupos são chamados de bois de promessa, em que seu criador o organiza para pagar uma promessa ou agradecer a algum objetivo alcançado (OLIVEIRA, 2003; IPHAN/MA, 2011a).

Apesar da relação forte com a fé, os grupos não possuem necessariamente uma ligação com instituições de igrejas, sendo a própria brincadeira um veículo de conexão do povo com os santos. A figura do boi é o destaque das festas que as pessoas entregam respeito e afeto, porém, não é visto como uma imagem de idolatria. O boi é um meio de se comunicar, de louvar São João, simbolicamente construindo uma mediação entre os grupos e a divindade, entre o que é místico e o que é real, sem necessitar de um sacerdote que aprove ou consinta (OLIVEIRA, 2003).

Além da raiz católica, a brincadeira também é ligada às religiões afro-brasileiras, representando encantarias na manifestação folclórica (IPHAN/MA, 2011a). Muitos grupos surgem dentro de terreiros de mina<sup>2</sup>, em que os próprios filhos de santo<sup>3</sup> da casa integram o grupo em homenagem às entidades, os mensageiros dos orixás nas religiões afro-brasileiras. Esses grupos homenageiam os mesmos santos católicos com equivalência religiosa a encantados. Segundo a crença dos terreiros, as entidades pedem que seja feito um grupo de bumba-meu-boi por gostarem da brincadeira e querer ser homenageados (OLIVEIRA, 2003; FERRETTI, S., 2011).

O sincretismo religioso<sup>4</sup> é uma das características principais das manifestações folclóricas e está entranhado na existência delas, são fenômenos inter-relacionados. De acordo com Sérgio Ferretti (2007a, p. 9), “é claro que religião e folclore são conceitos distintos, mas, na prática, se aproximam e se confundem”.

Historicamente, os índios e negros buscaram dentro do catolicismo uma forma de defesa e segurança para sofrerem menos assédio e preservarem suas tradições. Dessa mesma forma acontece dentro da história do bumba-meu-boi, onde os ritos, deuses, práticas e mitos se misturam a crença católica, adotando várias lendas que baseiam a festividade dos grupos (OLIVEIRA, 2003).

O bumba-meu-boi do Maranhão é também consequência de diversas lendas que envolvem a principal figura da festa: o boi. Por tais lendas é perceptível a representatividade de características nordestinas pela lenda de Mãe Catirina e Pai Francisco, características cristãs com a lenda de São João e, finalmente, características portuguesas na lenda do Rei Dom Sebastião (OLIVEIRA, 2003).

A história de Mãe Catirina e Pai Francisco passa-se em uma fazenda, onde Pai Francisco, também conhecido como Chico ou Francisco, trabalha. O proprietário da fazenda, seu patrão, é dono de vários animais e possui um touro que considera o

---

2 Terreiros de mina são casas religiosas afro-maranhenses conhecidas por implantarem o modelo de tambor de mina no Maranhão, também difundido no Pará, na Amazônia e no sul do Brasil. A religião é caracterizada por entidades, voduns, orixás e caboclos. As entidades também são conhecidas como encantados, remetendo a crença de que vivem em encantaria, em um mundo ou plano especial. É comum nos terreiros a organização de festas da cultura popular como o Divino Espírito Santo, tambor de crioula, bumba-meu-boi, ladainhas e procissões, em que os devotos acreditam que as entidades religiosas apreciam e pedem suas realizações (FERRETTI, S., 2007b; 2008, 2011).

3 Filhos de santo são as pessoas que seguem uma religião afro-brasileira e que são guiadas e orientadas pela mãe ou pai de santo do seu terreiro (FERRETTI, M., 2007).

4 Sincretismo religioso é “quando um grupo marginalizado organiza crenças e práticas retiradas de várias partes, formando um todo relativamente autônomo que a religião oficial combate (FERRETTI, S., 2007a)

mais bonito de todos, o mais precioso da fazenda. Catirina, porém, está grávida, e sente um forte desejo de comer a língua deste boi, pedindo dessa maneira, que seu marido Chico leve a língua para ela comer. Chico, portanto, rouba o boi da fazenda e o dono sente falta, pedindo que seu capataz verifique o que aconteceu. Os vaqueiros entregam a verdade sobre Pai Francisco e com isso tentam prendê-lo, porém sem sucesso, pois Francisco luta e consegue se esconder dentro das matas (OLIVEIRA, 2003; REIS, 2005; SILVA; FERREIRA, 2008).

O patrão então convoca uma equipe de índios, por conhecerem bem as redondezas, que conseguem capturar o Chico. Depois de várias negações sobre o ocorrido, Pai Francisco confessa. Quando trazem o boi até o dono, o boi encontra-se já desacordado e nem os médicos da região conseguem reanimá-lo. É quando o pajé de uma tribo próxima chega na fazenda, e utilizando feitiçarias, ressuscita o boi (REIS, 2005, SILVA; FERREIRA, 2008). Essa lenda é chamada também de auto do bumba-meu-boi e está sempre presente nas apresentações dos grupos, narrando a história do casal que também costuma estar caracterizado dentro da manifestação.

A lenda de São João relata que João possuía um boi de couro enfeitado que dançava e alegrava festas em sua casa. Esse boi ensaiava do dia 13 a 23 de junho na casa de Antônio que era amigo de João. Em um dia Pedro resolveu pedir o boi emprestado para que dançasse em uma festa sua, então no dia 29 de junho o boi foi levado até Pedro. Nesta data, Marçal pede o boi emprestado a Pedro sem que João soubesse do pedido. No dia 30 de junho, na festa de Marçal, toda a comida acaba e Marçal colocou o boi para alimentar os convidados. Após João descobrir, tentaram entregar a ele um outro boi, porém, ele não aceitava nenhum outro (OLIVEIRA, 2003). Essa lenda representa o ciclo festeiro do bumba-meu-boi até os dias de hoje, em que Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal e suas datas comemorativas continuam sendo os santos de maior destaque das apresentações dessa manifestação folclórica.

Por fim, a lenda do Rei Dom Sebastião conta que no dia 23 de junho, véspera do dia de São João, o rei de Portugal, desaparecido em Marrocos, encanta-se na praia dos lençóis no município de Cururupu, em forma de um touro negro repleto de pedras preciosas, chifres e uma estrela na testa ambos de ouro, olhos de fogo e boca em brasa (OLIVEIRA, 2003; REIS, 2005; FERRETTI, S., 2011). Essa lenda também faz parte da construção das brincadeiras de bumba-meu-boi e junto

com a lenda de Catirina e a lenda de São João, concebe diferentes enredos a cada ano nos grupos, conservando a tradição do festejo folclórico.

## **2.1 Conservando a tradição e atualizando significados: o ciclo festeiro e os diversos sotaques**

Os grupos de bumba-meu-boi do Maranhão funcionam durante os doze meses do ano imprescindivelmente e de maneira cíclica. Em dezembro, iniciam-se reuniões dos grupos, em alguns começam inclusive os ensaios para as apresentações, apesar de tradicionalmente começarem em maio ou junho. Nesse período também são compostas as toadas (como são chamadas as canções do bumba-meu-boi) e apresentadas ao restante do grupo. Caracteristicamente, o batismo ocorre em junho, quando também iniciam as apresentações públicas. Em alguns grupos ainda é mantido o batizado no dia 23 de junho e o ensaio-redondo (último ensaio do grupo) no dia 24, outros preferem realizar o ensaio-redondo quinze dias antes do batismo (OLIVEIRA, 2003; REIS, 2005; IPHAN/MA, 2011b).

O batismo serve para os integrantes se aproximarem das bênçãos de São João e também pagar as promessas feitas ao santo. Realizado no terreiro ou na sede do grupo, há rezas e ladainhas, explicitando a essência religiosa das brincadeiras, suas influências de catolicismo, sebastianismo (crença de origem portuguesa ligada a lenda de Dom Sebastião) e mina (REIS, 2005; IPHAN/MA, 2011a). Nessa cerimônia apresenta-se ao público os padrinhos escolhidos do ano e o novo couro<sup>5</sup> do boi.

No período entre o dia 13 de junho, dia em homenagem a Santo Antônio, e o dia 30, data dedicada a São Marçal, os grupos costumam fazer suas apresentações em arraiais, residências ou eventos particulares. As apresentações iniciam com a primeira toada<sup>6</sup> do cantador (amo, que canta e lidera o grupo), o “guanicê”. É o momento que o amo reúne o grupo chamando com seu apito e maracá, preparando o espetáculo. Em seguida há a toada “lá vai”, quando o grupo já está formado e

---

5 Peça de veludo bordada com canutilhos, miçangas e paetês que cobre a armação do personagem do boi no grupo folclórico (REIS, 2005).

6 Toadas são chamadas as cantigas, as composições feitas pelos grupos de bumba-meu-boi (Ibid.).

reunido, e o amo avisa aos expectadores sua chegada (REIS, 2005; IPHAN/MA, 2011a, 2011b).

Logo mais canta-se a toada “cheguei” ou “licença” que objetiva pedir licença para desenvolver sua exibição. Posteriormente canta-se a “saudação” ou “louvação”, quando o grupo saúda o dono do local que se apresenta ou o terreiro, e anuncia o auto do boi. Nesse momento o grupo dramatiza a lenda de Catirina e Pai Francisco. Finalmente, o grupo apresenta a toada “urrou”, quando comemora a ressurreição do boi e por fim, cantam a “despedida”. Fugindo da estrutura do auto, muitos grupos hoje cantam toadas com temas diversos, como política, natureza, atualidades, economia e sentimentos, revelando a versatilidade da brincadeira se renovando com fatos atuais (REIS, 2005; IPHAN/MA, 2011a, 2011b).

Tradicionalmente, no amanhecer do dia 29 de junho, dia de São Pedro, dezenas de grupos se fazem presentes na Capela de São Pedro, no bairro Madre Deus em São Luís, subindo os 47 degraus da capela para receberem bençãos e pagarem promessas ao santo. Já no dia 30 de junho, os grupos de bumba-meu-boi, principalmente os de sotaque de matraca, se encontram na Avenida João Pessoa, no bairro do João Paulo em São Luís, em agradecimento a São Marçal. Após o período junino, acontece em São José de Ribamar, o evento conhecido como Lava Boi, onde os grupos se apresentam e agradecem ao santo que dá nome à cidade o sucesso e graças alcançadas no mês que se passou (REIS, 2005; IPHAN/MA, 2011b).

De julho a dezembro costumam acontecer os rituais de morte do boi, com festas que duram no mínimo três dias, encerrando o ciclo festeiro. Além das apresentações dos grupos, contam-se com outras bandas e radiolas de reggae, características do estado (REIS, 2005; IPHAN/MA, 2011b). Na véspera da data marcada pelo grupo, o bumba-meu-boi se apresenta até o amanhecer. Logo após a apresentação, o miolo do boi desaparece e é escondido pela madrinha do mourão<sup>7</sup>. No período da tarde, os moradores da comunidade e os brincantes buscam o boi pelas redondezas e concluem o ritual da matança (OLIVEIRA, 2003). Com o passar dos anos os grupos foram se modificando e não seguem precisamente as datas

---

<sup>7</sup> Mourão é uma “peça de madeira, mais para tronco de árvore, enfiada no centro do terreiro. Muito bem decorado, com direito a Madrinha e Padrinho do Mourão. Acaba se tornando outra obra-de-arte do ciclo do Bumba-boi, devido aos seus enfeites com pastilhas, papéis, bombons e tudo mais” (REIS, 2005, p. 42).

para o ciclo festeiro, porém, não deixam de passar pelas etapas a cada ano, com o objetivo de se destacarem no período junino e honrarem sua fé.

Tais grupos possuem grande diversidade em suas características dependendo da região que surgiram e por isso são divididos em categorias, conhecidas como sotaques (OLIVEIRA, 2003; SILVA; FERREIRA, 2008). Américo Azevedo Neto (1983, apud OLIVEIRA, 2003) inclui os sotaques dentro de subgrupos do bumba-meu-boi, com o critério principal de representarem na maior parte traços da cultura do homem branco, do negro ou do indígena.

Os grupos africanos ou de negros são grupos em que prevalecem traços musicais e de coreografia do samba e da macumba, o bailado possui características nítidas africanas como a dança em roda, postura essa adotada nas rodas de samba, no tambor de crioula e na capoeira, por exemplo. Os grupos africanos também possuem a particularidade de serem os mais distanciados do auto, ou seja, a lenda de Catirina e Pai Francisco. Os sotaques inclusos nesse grupo são os de zabumba, de Cururupu (costa-de-mão), de Itapecuru e do Mearim (OLIVEIRA, 2003).

Os grupos indígenas possuem um ritmo mais lancinante, com menos representações de guerrilha, possuem uma dança mais relaxada com qualidades da dança timbira. Os movimentos acontecem de modo lento e leve em roda de maneira tradicionalmente indígena. Os sotaques inclusos aqui são os de matraca (ou sotaque da ilha), os da baixada e o de Penalva (OLIVEIRA, 2003).

Por último, existem os grupos brancos, que se destacam com o ritmo desenvolvido, agitado e contagiante. Apenas nesses grupos não há formação de roda, seus membros se organizam em filas e costumam dar a ideia de estarem em pares, típico das danças europeias. O único sotaque dentro desse grupo é o sotaque de orquestra (OLIVEIRA, 2003).

Apesar destas categorizações, alguns estudiosos da cultura popular maranhense como Sousa (2002 apud SILVA; FERREIRA, 2008) não a aceitam como fidedigna, acreditando que é uma análise simplória sem provas históricas que apenas examina a manifestação por apenas uma característica, a raça, e não considera a diversidade de ritmos de todo o estado.

A quantidade de sotaques apresentadas não abarcam as características de tantas manifestações no estado do Maranhão, principalmente fora da capital. Há

grupos que se denominam de bois de Reis, bois-bumbás, parafolclóricos, de verão, de carnaval, entre outros como os de Bacabal e Lençóis Maranhenses, que não se encaixam em nenhum desses ritmos (IPHAN/MA, 2011b). A seguir, serão explanados mais detalhes dos principais sotaques das brincadeiras do bumba-meu-boi no Maranhão e seus principais personagens.

Os conjuntos de costa-de-mão são guiados pelos instrumentos de zabumbas, caixas, pandeiros e maracás, com uma sonoridade menos pesada que os grupos de zabumba. O diferencial é que seus instrumentistas tocam os tambores de atabaques e caixas com as costas das mãos. Suas danças possuem um ritmo lento e bem cadenciado. As índias são chamadas de tapuias e constituem os mesmos movimentos juntas durante toda a apresentação. Os rajados são personagens que usam chapéus com fitas coloridas longas, calças e coletes de veludo bordado, e que cumprem um desenho original para dançar. Apesar disso, os passos são manifestos de modo incerto que participam de uma harmonia peculiar (REIS, 2005; SILVA; FERREIRA, 2008; IPHAN/MA, 2011a).

Os grupos de sotaque de zambumba são também conhecidos como sotaque de Guimarães, pois foi no Município de Guimarães, na região do Litoral Ocidental do Maranhão, que ele surgiu. Também há alguns grupos que se originaram de outras regiões onde há terras quilombolas, por esse motivo, esse sotaque é representado em sua maioria por brincantes negros. A dança desses grupos é dirigida pelos zabumbas, tamborinhos (pandeirinhos ou pandeiritos) e maracás. Os zabumbas são feitos de madeira e possuem meio metro de altura, e os pandeirinhos são pandeiros menores com a mesma estrutura dos pandeiros do sotaque de matraca (REIS, 2005; SILVA; FERREIRA, 2008; IPHAN/MA, 2011a).

A sonoridade é pesada, contudo, dispõe de poucos instrumentistas, ao contrário do sotaque de matraca. A musicalidade intervém no desenvolvimento do bailado de todos os integrantes, em que as tapuias (índias) realizam todas os mesmos passos. Movimentos iguais também são observados entre os vaqueiros campeadores. Os vaqueiros são personagens que possuem a missão de receber ordens do amo (IPHAN/MA, 2011a).

Os movimentos repetitivos também ocorrem entre os rajados, que usam saiotes e golas bordadas e chapéus com fitas coloridas e compridas que chegam próximas aos pés dos brincantes, que representam as promessas pagas aos santos

homenageados na temporada junina, além de utilizarem maracás para marcar o ritmo de cada toada. Os rajados costumam se apresentar em forma de fila enquanto os vaqueiros dançam em volta do miolo do boi e as tapuias em volta desses vaqueiros. As tapuias e os vaqueiros são os responsáveis nesses grupos de encenar a busca pelo Pai Francisco. O Pai Francisco costuma ser representado como um homem negro e pobre escravo ou ex-escravo, vestido com roupas maltrapilhas (REIS, 2005; SILVA; FERREIRA, 2008; IPHAN/MA, 2011a).

O sotaque da baixada (ou de Pindaré) é conhecido pela cadência mais suave, mansa, uma sonoridade leve. A diferença deste sotaque com os demais é que comanda índios e índias que apresentam basicamente a mesma coreografia. As indumentárias dos índios se assemelham a de alguns povos indígenas e costumam utilizar arco e flecha nas apresentações (REIS, 2005; IPHAN/MA, 2011a).

Os vaqueiros, também chamados de baiantes, tocam pequenas matracas que contribuem para o ritmo da brincadeira. Eles vestem-se com grandes chapéus com fitas, penas e canutilhos pendurados. Nesse sotaque também há um dos maiores símbolos do festejo junino que representa algo místico e sobrenatural na brincadeira, o cazumbá. É um personagem que usa uma túnica ou bata colorida e comprida com várias pinturas ou bordados de miçangas e canutilhos. Suas máscaras caricatas costumam simbolizar animais. Tais figuras também contribuem para o ritmo do grupo, dançando com um sino na mão que participa da sonoridade da brincadeira. Possuem a traseira grande que se destaca na indumentária com seus movimentos (REIS, 2005; SILVA; FERREIRA, 2008; IPHAN/MA, 2011<sup>a</sup>).

Um dos mais queridos sotaques na capital maranhense, o de matraca, conserva um formato ímpar em suas apresentações. Enquanto os demais sotaques variam entre 50 e 200 brincantes, os grupos de matraca chegam a ter 1000 integrantes, pois qualquer pessoa que tiver um instrumento usado no sotaque, pode entrar nas apresentações (IPHAN/MA, 2011b).

Primeiro entram os instrumentistas e os amos onde irão se apresentar. O sotaque possui esse nome por ser a matraca seu instrumento de destaque junto aos pandeirões, tambores-de-onça, maracás e o apito que anuncia o começo e final das toadas. As matracas são feitas com dois pedaços de madeira que são batidos um contra o outro, formando o som característico da brincadeira (REIS, 2005; SILVA; FERREIRA, 2008; IPHAN/MA, 2011a).

Após a entrada dos cantadores e instrumentistas, entram as índias formando a trincheira, lado a lado no sentido horizontal. As trincheiras são um símbolo de guerra que faziam parte dos batalhões (como os grupos de matraca denominam sua equipe de instrumentistas), demonstrando uma clara alusão a luta e resistência. Em seguida entram os caboclos de pena e os caboclos de fita com o Pai Francisco e a burrinha (IPHAN/MA, 2011a).

Os caboclos de pena possuem indumentárias feitas de penas de ema tingidas com várias cores vivas, cobrindo todo o corpo com perneiras, joelheiras, braceletes, tangas e o cocar feitos desse material. A burrinha é um personagem feito com uma armação coberta por um pano onde um brincante apoiado por suspensórios se apresenta dentro da armação. Ele brinca ao redor do boi e possui o objetivo de não deixar se desfazer a roda do grupo (REIS, 2005; IPHAN/MA, 2011a). Já o boi apresenta-se no palco entre os brincantes ou em frente a ele.

A dança das índias consiste em movimentos de repetição, havendo a uniformidade dos passos. Os caboclos de pena apesar das indumentárias serem iguais e de se apresentarem em conjunto, seus passos são livres, sem coreografia marcada. Em alguns momentos da brincadeira, os personagens se misturam, as índias e os caboclos de pena, construindo movimentos que sinalizam um jogo corporal, um de frente para o outro. Já os caboclos de fita, representam proteção para o grupo. Costumam ser idosos e fazem sempre os mesmos passos bem simples sem tantas variações, diferente dos caboclos de pena (IPHAN/MA, 2011a).

O boi, inegavelmente, é o personagem central e que mais deve chamar a atenção, possuindo uma dança extasiada, eufórica e com muitas surpresas. Seus movimentos, diferente dos outros sotaques que são conduzidos pelo ritmo das toadas, são guiados pelo ritmo dos pandeiros. O boi, assim como os caboclos de pena com as índias, participa de um jogo teatral com o vaqueiro, utilizam-se de uma comunicação não-verbal para explicitar que o vaqueiro sempre está em busca do boi, tentando encantá-lo para capturá-lo, remetendo à lenda de Pai Francisco e Catirina (IPHAN/MA, 2011a).

Com traços bem diferentes dos demais sotaques, devido a ser o único representante dos grupos de características tradicionais do homem branco europeu, o sotaque de orquestra apresenta o seu ritmo com o uso de bumbos, maracás, tamborins, saxofones, trompetes, trombones, banhos, cavaquinhos e violões.

Possuem uma banda com instrumentos diversos e não exibem um feitiço de recitação nas músicas, como acontece nos demais sotaques. As apresentações iniciam com o banjo e maracá, que chama o desenvolvimento do restante dos instrumentos e do cantador (SILVA; FERREIRA, 2008; IPHAN/MA, 2011a).

Ao som do ritmo acelerado e vibrante da banda, o grupo se expressa com um número acentuado de índias, com indumentárias que se destacam com muitas cores e plumagens, e sua dança possui particularidades de sensualidade. Os vaqueiros campeadores também com indumentárias coloridas, dançam constantemente ao lado das índias, formando fileiras que lembram as danças europeias, compondo uma parceria cênica nas coreografias (IPHAN/MA, 2011a).

Tendo em vista que “o boi simboliza um espaço de reorganização dos laços de solidariedade e sociabilidade” (SILVA; FERREIRA, 2008, p. 7), a próxima seção desta pesquisa tem o intuito de explanar a Abordagem Gestáltica e seu conceito primordial de contato, que será basilar para a análise dessas relações nos grupos de bumba-meu-boi maranhenses.

### 3 CONTATANDO COM A ABORDAGEM GESTÁLTICA

A Abordagem Gestáltica teve seu início na década de 1940 e o psicanalista alemão Fritz Perls é o mais conhecido precursor da teoria (GINGER & GINGER, 1995; FRAZÃO, 1997). Perls nasceu em 1893 e em 1920 formou-se em medicina. Durante a década de 1930 ele se mudou junto com a esposa Laura Perls para a África do Sul onde fundaram o Instituto Sul-Africano de Psicanálise. Em 1942, Perls escreveu sua primeira obra com coautoria de Laura, o livro *Ego, Fome e Agressão*, no qual os autores fazem uma reavaliação sobre a Psicanálise e alguns de seus conceitos (BORIS, 1993; FRAZÃO, 1997; MILLER; FROM, 1997; NASCIMENTO, 2015). Segundo Frazão (2002), *Ego, Fome e Agressão* mostrou claramente motivos os quais impulsionaram Perls a se afastar da Psicanálise. Para Boris (1993), a obra é o que “constitui a fronteira de contato” entre a Teoria Psicanalítica e a Abordagem Gestáltica (p.27).

Ainda na década de 1940 Fritz e Laura Perls mudaram-se para os Estados Unidos da América. No novo país de morada, o casal conhece outros teóricos e pensadores da época. Apesar de ser chamado de pai da Gestalt, além de Perls, outros autores participaram do início e organização da nova teoria. Conhecidos como “grupo dos sete”, o grupo de pensadores era composto por Isadore From, Elliot Shapiro, Paul Goodman, Paul Weisz, Sylvester Eastman, Laura Perls e Fritz Perls. Futuramente, Ralph Hefferline juntou-se aos estudiosos (BORIS, 1993; FRAZÃO, 1997). De acordo com Ginger & Ginger (1995), Paul Goodman foi o verdadeiro teórico responsável pelo início e difusão da Abordagem Gestáltica, o qual assumiu a direção dos dois primeiros institutos de Gestalt-terapia, o primeiro em Nova York e o segundo em Cleveland.

Somente em 1951, nove anos após a publicação de *Ego, Fome e Agressão*, foi publicado o marco histórico da Abordagem Gestáltica, o livro *Gestalt-terapia*, de Perls em parceria com Goodman e Hefferline. Após suas duas primeiras obras, foram publicados mais três livros do Perls, sendo o último, *Abordagem Gestáltica e Testemunha ocular da Terapia*, já póstumo (FRAZÃO, 2002; NASCIMENTO, 2015). Segundo Spitzer (1985), Fritz escreveu essa obra por estar insatisfeito com os trabalhos anteriores considerando-os de leitura difícil e ultrapassados, seu objetivo

então é explicar de maneira concisa e provocante sua filosofia, teoria e prática psicoterápica no que chegaria a ser sua última obra.

Nas décadas de 1960 e 1970 a Abordagem Gestáltica tornou-se popular, fato diretamente influenciado pelo momento de contracultura da época, a alta da filosofia existencialista e do psicodrama, que são pressupostos e teorias ligados ao pensamento da abordagem (MILLER; FROM, 1997). No Brasil, a Abordagem chegou com uma palestra proferida pela Thérèse Tellegen na década de 1970, que publicou também o primeiro artigo no Brasil em 1972, chamado *Elementos de Psicoterapia Gestáltica* (FRAZÃO, 1997; HOLANDA; KARWOWSKI, 2004).

A palavra alemã *Gestalt* não possui uma tradução literal do seu significado, mas remete a configuração, estrutura, totalidade e forma (PERLS, 1985; PERLS; GOODMAN; HEFFERLINE, 1997). *Gestalten* tem o sentido próximo a dar uma estrutura significativa, são conjuntos estruturados que carregam significados para cada indivíduo. Nesse sentido, a palavra *Gestalt* carrega uma das ideias centrais da Abordagem Gestáltica, em que o todo não é a meramente a soma de suas partes. Uma vez que algo faz parte de um campo, poderá ter diversos significados de acordo por quem ele é percebido (GINGER & GINGER, 1995).

A Abordagem Gestáltica se fundamenta em diversas teorias e correntes filosóficas europeias, americanas e orientais, que “foram examinadas criticamente, e organizadas num novo todo, numa teoria abrangente” (PERLS; GOODMAN; HEFFERLINE, 1997, p. 33), construindo então uma nova teoria cujo conceitos são interdependentes.

A fenomenologia, fundada por Edmund Husserl, é o método de investigação e a postura psicoterapêutica adotada pelos Gestaltistas. Esta filosofia é um método de pensamento que prioriza a descrição dos fenômenos tais como se dão, a experiência observável, a vivência imediata, como é sentida e percebida pelo indivíduo, relacionando-se a Psicologia da Gestalt sobre a percepção de cada indivíduo ser singular e partindo dessa percepção única, o que importará é o entre, a relação organismo-meio. A fenomenologia também afirma a importância da tomada de consciência do indivíduo para o que acontece com ele e com seu ambiente no aqui-e-agora (GINGER & GINGER, 1995; MILLER; FROM, 1997).

Há aqui o resgate do posicionamento de não haver dicotomia entre sujeito e objeto, mas que sejam uma unidade, afirmado pela Abordagem Gestáltica. A fenomenologia propõe que se saia da postura habitual de pensar uma postura natural, e que o mais importante é o que seria percebido de modo ingênuo, uma percepção imediata do fenômeno, sem influências de pressupostos ditados sobre o objeto (YONTEF, 1998).

O existencialismo também é uma filosofia significativa na Abordagem Gestáltica ao considerar a singularidade de cada indivíduo, a individualidade da experiência, a responsabilidade e liberdade de cada ser, as relações interpessoais e o indivíduo como um ser autêntico e capaz de escolher e organizar sua vida de maneira significativa para suas próprias necessidades (GINGER & GINGER, 1995; YONTEF, 1998).

A teoria Organísmica de Goldstein é uma das teorias de base, a qual nega a dicotomia biológico-psíquico, compreendendo o homem como um todo unificado, em constante processo de autorregulação. Goldstein foi o responsável pelos estudos Gestálticos perceberem o organismo como um todo, que trabalha como algo uno e não são simplesmente partes separadas cada qual com sua função. O ser humano funciona como uma coordenação de todos os seus pedaços que o compõe, sempre relacionado ao ambiente que está inserido, pois o organismo sem o ambiente não existe (PERLS, 1977; GINGER & GINGER, 1995).

Outra teoria de base que sustenta a Abordagem Gestáltica é a teoria de Campo de Lewin, chamado de fundador da dinâmica de grupo moderna. Para o teórico, o grupo “possui estrutura própria, objetivos e relações com outros grupos. A essência de um grupo não é a semelhança ou a diferença entre seus membros, mas sua interdependência” (MELO; MAIA FILHO; CHAVES, 2014, p. 48). Nesse sentido, os campos funcionam de acordo com forças propulsoras e forças negativas, na interação que os indivíduos têm inseridos no mesmo campo, tendo relações interdependentes, provocando mudanças do grupo e novos significados (GINGER & GINGER, 1995; MELO; MAIA FILHO; CHAVES, 2014).

Para Perls (1985), todos vivemos num campo, e o que o compõe é significativo de acordo de como é percebido, por isso o indivíduo nunca será autossuficiente, pois está continuamente em relação com outros organismos e com o ambiente. A relação com o ambiente influencia comportamentos e modos de ser.

Segundo Yontef (1998), as partes do todo que compõem o campo estão em um relacionamento imediato e sempre reagem umas às outras, modificando assim o meio.

Segundo Ginger & Ginger (1995), a Psicologia da Gestalt é uma das teorias de base da Abordagem Gestáltica, a qual estudava primordialmente problemas ligados a percepção, a cognição e a aprendizagem. Seus principais teóricos foram Max Wertheimer, Wolfgang Kohler e Kurt Koffka, que iniciaram seus primeiros estudos em 1912, nos quais buscavam inserir a Psicologia da Gestalt como parte do desenvolvimento científico da psicologia, não tendo interesse em questões existenciais filosóficas. Os teóricos ocupavam-se inicialmente com os mecanismos (fisiológicos e psicológicos) da percepção e a relação organismo-meio. Posteriormente, “estenderam seu trabalho à memória, à inteligência, à expressão e, finalmente, à personalidade como um todo” (p. 38). Para a Psicologia da Gestalt, o objeto não possui forma, mas ele é a própria forma, chamada *gestalt*, um todo estruturado e com significações de acordo com a percepção do organismo.

Como afirma Perls, Goodman e Hefferline (1997), *gestalten* completas são sinais de saúde e de crescimento do organismo, e só assim podem ser organizadas como unidade dentro do funcionamento automático deste organismo. Já as *gestaltens* incompletas dificultam a formação de *gestalten* novas que trariam o equilíbrio, elas geram frustrações e consequências não saudáveis para o todo.

É a partir de como o indivíduo percebe e sente o que ocorre entre ele e o seu meio, que vai dar significados e definir fenômenos e comportamentos. “O homem não percebe as coisas isoladas e sem relação, mas as organiza no processo perceptivo como um todo significativo” (PERLS, 1985, p. 18), ou seja, há organização de maneira significativa quando há o interesse do organismo, quando ele está com a atenção em uma dada figura. Com a mudança de interesses, muda a figura em que há a atenção do mesmo.

Percebendo o mundo com sua própria perspectiva, o homem se constrói a partir da constante relação consigo mesmo e com seu meio social, “num constante vir-a-ser e sempre existindo num campo circundante” (CARDOSO, C., 2009, p. 127).

É nessa troca entre o organismo e seu meio social que a Abordagem Gestáltica debruça seu interesse holístico, reconhecendo o indivíduo com um ser

bio-psicossocial, ocupando-se da relação que ele estabelece como fenômeno no campo, o contexto em que ela ocorre, e não apenas o indivíduo. Assim como, se atém ao aqui-e-agora, e não com o passado e os porquês do que ocorreu (FRAZÃO, 1997; MILLER; FROM, 1997).

A Abordagem Gestáltica é conhecida também como Terapia de Contato, visto que contato é um dos conceitos centrais e mais importantes da referida abordagem. Entendido como uma matéria-prima das relações humanas, pois é exatamente a troca do organismo com o meio, é o que permite a mudança e seus ajustamentos criativos (GARINI, 2014). O ajustamento criativo é a função primordial do *self*, é a maneira que o indivíduo encontra na fronteira do campo para conseguir se autorregular.

Por meio do contato que o indivíduos crescem e formam identidades, é o instrumento de transformação do sujeito, o que gera vida e movimento. O contato e o afastamento funcionam obstinadamente enquanto houver vida em constante mudança de acordo com as necessidades e interesses que surgem (MILLER; FROM, 1997; YONTEF, 1998; RIBEIRO, 2007). Ele

Traz na sua essência a possibilidade da criação. Contato não é fruto do acaso, mas de uma intencionalidade que dirige o encontro entre os diversos seres do e no universo, o contato é a alma que dita e dirige todos os passados evolutivos de nossa caminhada. [...] Estar em contato é nosso principal instrumento de crescimento e de trabalho e que, em segundo lugar, reconhecemos que todos os seres estão imersos num cósmico processo de trocas, de contato, que é a máxima energia que preside todo o processo evolutivo.

(RIBEIRO, 2007, p. 135)

O contato possibilita os ajustamentos criativos e é na fronteira de contato que acontece a relação do indivíduo e o meio, é onde se lida com os objetos do campo e ocorrem os eventos psicológicos, pelas emoções, ações e comportamentos (PERLS, 1985).

Na fronteira de contato é onde existem todas as experiências entre o organismo e o ambiente, onde há o encontro do eu com o outro e algo é manipulado. A experiência acontece nesse campo rico de vontades e necessidades, em que há o encontro mas também pode haver o afastamento. Dessa forma, a

fronteira de contato também é o campo que ocorre o crescimento do indivíduo, onde são deliberadas suas relações (MILLER; FROM, 1997; YONTEF, 1998).

Influenciada pela Psicologia da Gestalt, a Abordagem Gestáltica se interessa pela inter-relação da figura e do fundo, do organismo e seu ambiente (GINGER & GINGER, 1995). Figura é quando emerge um elemento ligado à necessidade atual do organismo, e o restante das partes se tornam fundo. Algo que é então apresentado ao organismo pelo ambiente é organizado e moldado de acordo com a percepção do mesmo, portanto, são esses todos estruturados de acordo com o percebido pelo indivíduo que compõem suas experiências com o mundo (MILLER; FROM, 1997).

Quando um componente torna-se figura, o indivíduo através da agressão, se comporta de modo que faça sua necessidade dominante ser satisfeita, recuando logo após a satisfação para o segundo plano, o fundo, e assim há lugar para uma nova necessidade, uma nova figura. Nesse movimento o organismo está atuando no seu processo de crescimento e maturação no qual desenvolve o *self* (PERLS, 1985; PERLS; GOODMAN; HEFFERLINE, 1997). A agressão, diferente do proposto na Psicanálise, possui uma função saudável no desenvolvimento e preservação do organismo (FRAZÃO, 1997; MILLER; FROM, 1997; NASCIMENTO, 2015). De acordo com Miller e From (1997, p. 22) é o “estender-se para contatar o ambiente”, é o que possibilita que o indivíduo se arrisque a modificar algo no ambiente em que é inserido, é o que impulsiona a criatividade e produtividade.

Nesse processo de satisfazer as necessidades está a autorregulação, que é um processo homeostático que garante o equilíbrio do organismo unificado do homem e é o modo que ele possui de interagir com o ambiente. Nesse movimento, ele satisfaz suas necessidades e permanece em constante equilíbrio e desequilíbrio (movimento de figura/fundo); quando mantém-se muito tempo em desequilíbrio, este organismo não está saudável (PERLS, 1985). É a partir de um ciclo de satisfação de necessidades que o organismo se autorregula.

O ciclo de contato, também chamado de ciclo de satisfação das necessidades ou ciclo de autorregulação organísmica existe em constante movimento de formações e dissoluções de gestalten, de acordo com as necessidades do indivíduo, isto é, do que emerge como figura sobre o fundo (GINGER & GINGER, 1995).

Proposto por Goodman o ciclo possui quatro fases, o pré-contato, o contato, o contato final e o pós-contato. O pré-contato consiste nas sensações do indivíduo, no que está sendo sentido como uma necessidade de satisfação que emergirá como figura para o organismo. A fase contato ou tomar contato é quando o organismo vai ao meio com o uso do seu potencial de agressividade, modificá-lo, quando o objeto que está sendo o interesse atual é figura. No contato final ou contato pleno há a confluência do organismo com o meio, quando os dois se confundem em um só, é quando existe uma abertura ou extinção da fronteira. Por fim, o pós-contato é quando o indivíduo apreende sua experiência, quando vai assimilar o satisfeito (GINGER & GINGER, 1995). No pós-contato a função dominante do *self* é a personalidade e há uma diminuição progressiva dele nessa fase.

O *self* é visto na perspectiva Gestáltica como uma função e como um processo. Ele tem o encargo de contatar o aqui-agora, o presente, promovendo o crescimento. Como processo, o *self* é o jogo de figura-fundo nos contatos, é o processo temporal que passa pelas fases do ciclo de autorregulação orgânica, é o sistema de ajustamentos criativos (PERLS; GOODMAN; HEFFERLINE, 1997; D'ACRI; LIMA; ORGLER, 2012).

Assim sendo, o *self* é um agente de crescimento, é o próprio sistema de contatos entre o organismo e ambiente, pois é a força que forma gestalts no campo que é inserido. Ele é quem usa a agressividade, manipula, orienta e sente o entre, a relação organismo-ambiente. De acordo com Latner (apud GINGER & GINGER, 1995, p. 127), “o *self* é nossa maneira particular de estarmos envolvidos em qualquer processo, nosso modo de expressão individual em nosso contato com o meio, [...] ele é o agente de contato com o presente”. Portanto, o *self* está interdependentemente ligado a fronteira de contato, onde acontecem os eventos psicológicos, as experiências, ou seja, os pensamentos, comportamentos, ações e emoções, que são integrativos no crescimento do organismo (GINGER & GINGER, 1995; PERLS; GOODMAN; HEFFERLINE, 1997).

Perls, Goodman e Hefferline (1997), chamam de estruturas do *self*, o *id*, o *ego* e a *personalidade*, enquanto Ginger & Ginger (1995) destaca-os como três modos ou três funções do *self*. A função *self* pode ser descrita como as pulsões internas e necessidades vitais do organismo, sinalizando primordialmente atos

involuntários e orgânicos. Já a função ego (eu) é ativa que indica as escolhas, os atos voluntários e motores como a agressão e manipulação. Por fim, a função personalidade é a representação do indivíduo no meio social, a postura dele nas suas relações, uma autoimagem, “é ela que constrói meu sentimento de identidade” (GINGER & GINGER, 1995, p. 128), o que embasa o comportamento do organismo no ambiente (PERLS; GOODMAN; HEFFERLINE, 1997).

Na Abordagem Gestáltica é utilizado o termo *awareness*, que entende-se como a “capacidade de aperceber-se do que se passa dentro de si e fora de si no momento presente, em nível corporal, mental e emocional” (FRAZÃO, 1997, p. 10). A *awareness* é particularizada pelo contato, pela sensação, percepção, excitações e formações de *gestalten* (PERLS; GOODMAN; HEFFERLINE, 1997). O objetivo da Abordagem é facilitar a ampliação de *awareness*, a consciência de si mesmo e seu ambiente, por meio de fortalecimento da crítica e autonomia no mundo, objetivando sempre a qualidade de contato pois acredita-se ser o caminho para saúde do organismo e autorrealização (GUARINI, 2014).

O indivíduo é um ser capaz de autodeterminação e que pode apoiar-se em si próprio, isto é, é um ser com potencialidades (PERLS, 1977; MILLER; FROM, 1997; GARINI, 2014). Por isso o foco da Abordagem Gestáltica é no aqui-agora, na experiência atual, em fortalecer a *awareness*, ou seja, a tomada de consciência, aumentando o poder do indivíduo em suas decisões e realizações de acordo com seus valores e necessidades de satisfação pessoais, de modo que o sujeito se perceba emocionalmente e fisicamente, “integrando ao mesmo tempo as dimensões sensoriais, afetivas, intelectuais, sociais e espirituais” (GINGER & GINGER, 1995, p. 17). Mantendo a atenção no presente, a abordagem contribui para o autoconhecimento, autossustentação e maturidade por meio da satisfação de necessidades, interesses e desejos, desenvolvendo as potencialidades (PERLS, 1977; 1985).

Essa satisfação de necessidades do indivíduo só acontece devido as suas experiências como um ser biopsicossocial-espiritual na sua relação com outros indivíduos e com seu meio. Dito isto, a próxima seção explorará as contribuições da Abordagem Gestáltica sobre o funcionamento do processo grupal, suas estruturas e suas influências no indivíduo.

#### 4 O PROCESSO GRUPAL SOB O ENFOQUE GESTÁLTICO

O indivíduo desde o seu nascimento, se constitui dentro de grupos, seja a família, a escola, o ambiente profissional, o clube esportivo, entre outros. É dentro desses diversos grupos que ele passa grande parte do seu tempo de vida em constante interação. Essa convivência com o outro, o inter-relacionamento grupal, é imprescindível para que ele continue a existir, numa persistente busca de uma identidade individual assim como uma identidade grupal e social (ZIMERMAN, 1993).

A Abordagem Gestáltica assim como concebe o indivíduo como um organismo dentro de um campo, também compreende o funcionamento de um grupo como um corpo, uma totalidade que não é apenas uma soma de partes, mas um todo integrado que atua com um objetivo comum entre seus elementos.

O grupo é uma realidade maior e diferente da soma dos indivíduos que o compõem. [...] O grupo é um fenômeno cuja essência reside no seu poder de transformação, no seu poder de escutar, de sentir, de se posicionar, de se arriscar a compreender o processo de significação do viver e do responsabilizar-se.  
(RIBEIRO, 1994, p.10)

Como já explanado na seção anterior, a Abordagem Gestáltica fundamenta-se em algumas teorias de base que serão valorosas nos estudos sobre grupos, principalmente os conceitos essenciais da teoria de Campo, da teoria Organísmica e da Fenomenologia, afastando o estudo Gestáltico sobre grupos da dicotomia da ciência natural de corpo/mente, indivíduo/sociedade (TELLEGEN, 1984; RIBEIRO, 1994).

Ribeiro (1994) percebe o grupo como uma unidade, uma entidade que antecede o indivíduo, é uma unidade biopsicossocial-espiritual, experienciando influências orgânicas, psicológicas, sociais e espirituais. Como o indivíduo, o grupo é composto de experiências com vários níveis de dependências de relações, havendo diversos subsistemas dentro de um mesmo grupo. Quando um desses subsistemas é abalado de alguma forma, todo o sistema é desequilibrado, portanto, “tudo o que acontece no grupo produz mudança no seu sistema interno de equilíbrio” (p. 39). Dessa forma, o autor afirma que o grupo se mantém em constante modificação

interna e externa devido à mudança de realidade dos seus membros e o movimento no campo onde o grupo está inserido.

Da mesma maneira que o indivíduo, o grupo busca a satisfação de suas necessidades e seu crescimento, em contínua procura de complementos. O grupo é “consistente e inteiro” (p. 73) como um sujeito, com seus próprios objetivos e modo de funcionar, mantendo seus membros e a identidade de cada um.

O grupo, na Abordagem Gestáltica, vai além de algo físico, pois não é só grupo quando seus elementos estão reunidos, mesmo em ambientes diferentes, ele continua a existir (RIBEIRO, 1994). Tal grupo passa a ser uma parte do que compõe a identidade do indivíduo e da cultura que ele está inserido. Esta realidade está ligada a relação de seus membros, que quanto mais fortes são os laços afetivos dentro de um determinado grupo, mais possibilidade há de existência e duração do mesmo dentro do campo.

Um grupo inicia primordialmente com uma meta comum entre dois ou mais indivíduos que se associam, “resultado de uma integração íntima e fusão de individualidades em um todo comum” (p. 34). É a partir do encontro que um grupo é formado. O que se destaca como foco compartilhado destes indivíduos é vida e objetivos comuns além do sentimento de pertença e identidade.

Baseando-se em Schutz (1974; 1978 apud BORIS, 2013) e Kepner (1980 apud BORIS, 2013), Boris (2013) categoriza três necessidades que emergem a nível individual mas só são satisfeitas a nível grupal e funcionam como estágios de desenvolvimento. A primeira necessidade é a de se afiliar e pertencer, estabelecendo a identidade de cada membro baseando-se nos objetivos e características do grupo, fortalecendo o sentimento de inclusão, de sentir-se fazendo parte de um todo. A segunda necessidade categorizada é a necessidade de autonomia, que envolve controle e influência, pois os membros estão conscientes de estarem influenciados por regras e demandas do grupo que comandam as ações em prol da unidade. E o terceiro estágio é a necessidade de afeição que envolve a emoção de intimidade, que “motiva as pessoas a se relacionar efetivamente umas com as outras e a se comportar interdependentemente” (KEPNER, 1980 apud BORIS, 2013, p. 1128). Esse estágio é alcançado após um certo período de existência e convivência do grupo, baseado em confiança, segurança e apoio entre os membros.

De acordo com Zinker (2007), o grupo é uma entidade que acolhe pessoas, no qual essas podem se sentir bem recebidas e tornarem-se criativas. O grupo, portanto, é um lugar que ao mesmo tempo testa os limites de crescimento e podem ser desenvolvidas potencialidades. Por essa razão, o autor também os chama de comunidades de aprendizagem. Não são apenas pessoas reunidas em um dado local,

É um sistema único de caráter próprio e especial e uma noção peculiar da própria força; um conglomerado de energias emanadas por seus membros individuais, inter-relacionados num padrão sistemático. É um todo, uma entidade, uma Gestalt cuja natureza é maior do que a soma de suas várias partes.

(ZINKER, 2007, p. 178)

Um grupo, portanto, se organiza como um campo unificado, composto de várias energias tanto dos seus membros quanto de suas relações e do meio que está inserido. Segundo Ribeiro (1994, p. 49), “ali nem o sujeito é puro sujeito, nem o grupo é puro grupo, mas ambos são aqui e agora, tempo de espaço, essência e existência”.

Fundamentada nas teorias de base concebidas por Koffka (1886-1941), Lewin (1890-1947) e Goldstein (1850-1930), a Abordagem Gestáltica compreende o meio como um campo percebido e cheio de significados que orientam os comportamentos dos indivíduos. Este campo é uma unidade dinâmica e concreta que institui as relações entre os membros grupais. O grupo tal como um organismo de um sujeito, procura se adaptar no meio que está inserido, em constante busca de autoconservação, crescimento e autoatualização (TELLEGEN, 1984). Em outras palavras, o grupo lida com três fatores importantes, a redução de tensão, a satisfação de necessidades e resolução de problemas (RIBEIRO, 1994).

Na constante emersão de figuras para satisfazer as necessidades, movimenta-se o grupo em suas diferentes percepções e comportamentos que estabelecem seu equilíbrio (TELLEGEN, 1984).

O grupo é então um campo que é constituidor de outro maior, e é dentro deste campo energético que os membros estão interligados por forças que constroem a relação entre eles e a ligação de um com o grupo e seus ideais. São as relações que sustentam as mudanças necessárias para conservação da unidade.

Apesar das mudanças no campo, algo do grupo o assegura de ser identificável, há algo que garante sua mudança e conserva sua essência, que pode ser apontado como matriz grupal (RIBEIRO, 1994).

Matriz e processo são duas estruturas identificáveis nos grupos. Matriz é o elemento permanente do grupo, que se assemelha a uma cultura ou inconsciente grupal, pois é uma realidade invisível que atua no grupo em geral. Assim, representa a ideia de que o grupo não é apenas a soma de partes, e afirma a visão holística e integral do todo, pois há algo a mais do que apenas membros que constituem um grupo (RIBEIRO, 1994).

O grupo é como uma rede, como uma teia de aranha, onde cada elemento funciona como um ponto nodal independente, mas psicodinamicamente interligado, agindo como um subsistema, onde cada um afeta o outro e é afetado pelo conjunto, criando uma matriz operacional.  
(RIBEIRO, 1994, p. 35)

A matriz grupal demanda tempo de existência e convivência do grupo para ser alinhada e incorporada como uma cultura dentro do grupo, guiada por normas, valores, regras e objetivos. Apesar da matriz permanente, existe algo de processo no campo grupal, funcionando como a dinâmica de figura-fundo. Há algo parado porém em constante atualização, inserindo novos elementos de acordo com o que é percebido e sentido. Processo é então tudo que sinaliza mudança dentro do campo grupal, que são divididos como processos internos e externos. Internos são os que se passam em cada membro individualmente, e os externos são os resultantes de tais processos, são visíveis como ações, olhares e falas (RIBEIRO, 1994).

Ribeiro (1994) também cita três fases que o grupo precisa passar para a consolidação de sua existência e sua cultura grupal. A primeira é o grupo como campo geográfico, onde os membros ainda não estão interligados relacionalmente e a necessidade de cada um é mais valorativa que a do grupo. Como segunda fase há o grupo como campo psicológico, que acontece quando as emoções começam a afetar esses indivíduos dando significações para o que emerge no todo. É nessa fase que o grupo aparenta construir uma identidade como uma unidade repleta de significados.

Na terceira e última fase, o grupo no campo comportamental, os comportamentos começam a ser administrados de acordo com as emoções

perpassadas na unidade grupal, é quando o grupo vira figura, como unidade maior, e seus membros o fundo. Nesta fase, o grupo se consolida como um grupo em si, pois deixa de focar nas necessidades de cada um de seus membros e se compromete com a necessidade do grupo como uma unidade significativa, trabalhando em favor de alcançar os objetivos grupais (RIBEIRO, 1994).

Quando um grupo chega na fase de campo comportamental, seu funcionamento remete ao que Perls (1985) discorre sobre a confluência. É “quando o indivíduo não sente nenhuma barreira entre si e seu meio, quando sente que ele próprio e o meio são um [...] As partes e o todo são indistinguíveis entre si” (p. 51).

Zinker (2007) propõe dentro desse pensamento, quatro princípios básicos de processo grupal na Abordagem Gestáltica, são eles: a prioridade das experiências grupais que acontecem dentro do determinado grupo, o objetivo de desenvolver a *awareness* grupal e o contato entre os membros, e o uso de experimentos interativos estimulados por um líder. O grupo, desse modo, deve ser orientado por um líder, manter o contato dos membros e a *awareness* coletiva e dar atenção às suas experiências que surgem no todo, fortalecendo a continuidade e durabilidade do grupo em prol de seus objetivos, baseados no comum entre seus membros.

Consoante a importância atribuída pelo autor citado anteriormente ao contato e *awareness* grupal, Tellegen (1984) considera o contato, o sentir e o comunicar-se, como a realidade primeira e fundamental no processo grupal, acreditando ser o potencial para a comunicação e o processo de aquisição da mesma, a própria essência de um grupo.

O grupo é então um processo de comunicação, tudo que acontece nele é perpassado por significações, seja a postura corporal, as vestimentas e as falas, ele é um canal de relações do sujeito com o seu meio, utilizando-se de várias formas de linguagem (RIBEIRO, 1994).

Segundo Cláudia Cardoso (2009), é o contato, a troca com o meio, que possibilita o funcionamento social de relacionamentos,

A Gestalt-terapia concebe o homem como um ser em relação consigo mesmo e com o mundo, num constante vir-a-ser e sempre existindo num campo circundante. A partir dessa condição humana, o contato é considerado a matéria-prima da relação humana.  
(CARDOSO, C., 2009, p. 125)

A autora citada acima afirma que tudo o que ocorre dentro do campo grupal é resultado da interação do que e de quem o compõe, de suas energias, ocasionando uma grande rede de relacionamentos. Ou seja, “os fenômenos são integrados e determinados pelo campo todo” (p.127), construindo os laços afetivos entre suas partes. Compondo constantemente o campo grupal, as relações dos membros e a relação do grupo com o meio afeta diretamente seu funcionamento e existência, e enfatiza a dimensão processual de grupo como algo que se transforma a todo momento, é uma totalidade com partes interdependentes. É o contato que garante o processo homeostático grupal, pois os grupos habitualmente buscam soluções para seus problemas, almejam melhorias e é isso que motiva e impulsiona o movimento processual.

Em vista disso, Boris (2013) afirma que os membros grupais carecem do apoio e compreensão um dos outros como uma forma saudável de interdependência, construindo esse grupo como uma entidade de espaço significativo para o crescimento pessoal e grupal.

O autor citado também levanta uma crítica a psicologia humanista e a Abordagem Gestáltica ao julgar que elas não ponderam a atenção para o estudo da cooperação entre os indivíduos, com uma premissa de valorizar o indivíduo em si e sua singularidade. Os grupos são assim sistemas sociais que podem assumir o papel de manifestar necessidades básicas sociais, podem ser um meio de resistência a sociedade de consumo, onde estima-se o individualismo e na qual as relações são fragilizadas. A função “então, seria a mediação entre a particularidade individual e a totalidade social” (p. 1131), conservando e fortalecendo as relações do indivíduo e comunidade.

Trabalhar em grupo na visão Gestáltica, é ir além do olhar no indivíduo e sua autonomia, mas dedicar-se no desenvolvimento das habilidades nas relações interpessoais saudáveis dentro da sociedade em que está inserido. À vista disto, na próxima seção aborda-se a metodologia utilizada na presente pesquisa para análise dos grupos folclóricos, de acordo com esta perspectiva Gestáltica, sobre as relações grupais.

## 5 METODOLOGIA

O presente trabalho científico foi desenvolvido por meio de uma extensa pesquisa bibliográfica de acordo com a temática abordada, apresentando uma análise qualitativa do que foi alcançado, baseada numa perspectiva Gestáltica para compreender o fenômeno escolhido para investigação.

Levantando o problema de como a manifestação folclórica do Bumba-meu-boi do Maranhão implica nas relações grupais, a partir de uma perspectiva Gestáltica, o objetivo geral desta pesquisa é analisar como a manifestação folclórica do Bumba-meu-boi do Maranhão implica nas relações grupais, a partir da Abordagem Gestáltica, e os objetivos específicos são de conhecer o contexto histórico e características do bumba-meu-boi do Maranhão, investigar os pressupostos teóricos da Abordagem Gestáltica, identificar as suas contribuições conceituais sobre relações grupais e revelar a influência das crenças religiosas na identidade grupal maranhense.

O trabalho científico apresenta-se como uma pesquisa qualitativa, tendo em vista que esse tipo de investigação é utilizada para analisar aspectos que não podem ser quantificados, buscando principalmente compreender e explicar particularidades da dinâmica das relações sociais (FONSECA, 2002). Para Silveira e Córdova (2009, p. 31), “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”. Esta compreensão é feita baseando-se em algumas ações, como o pesquisador objetivar o fenômeno, hierarquizar as ações de descrever, compreender e explicar, e observar as diferenças do mundo social e natural.

Segundo Holanda (2006), a pesquisa qualitativa foca-se nos fenômenos humanos, o que foge dos padrões de medidas que controlem o objeto. Esse método então ocorre por dois elementos, a inclusão da subjetividade na investigação e ter “uma visão de abrangência do fenômeno pesquisado, realçando a sua circunscrição junto aos demais fenômenos – sociais, culturais, econômicos” (p.364).

Planejando explorar as relações grupais especificamente dentro das manifestações folclóricas do bumba-meu-boi do Maranhão, o objeto desta pesquisa

não convinha análise quantitativa, uma vez que a investigação trata-se de um fenômeno de um grupo social “no mundo dos significados das ações e relações humanas” (MINAYO, 2002, p. 22) por meio de dados não métricos.

De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é feita por meio de investigações em materiais publicados como livros, artigos científicos e páginas de web sites. De acordo com o autor,

Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 31-32).

Baseada nisso, a presente investigação foi feita por acesso a livros e artigos que debatem sobre as características e história dos grupos de bumba-meu-boi do Maranhão, além das obras clássicas e contemporâneas de Gestalt-terapeutas, com ênfase nas teorias de base e em processos grupais.

A pesquisa bibliográfica busca contribuições científicas e culturais que possam ser de importância para o tema a ser estudado, e que sejam materiais públicos como livros, monografias, dissertações e teses, para que o pesquisador tenha contato direto com o assunto escolhido. Tal pesquisa passa por oito fases: a escolha do tema, a elaboração do plano de trabalho, a identificação, a localização, a compilação, o fichamento, a análise e interpretação e a redação (LAKATOS & MARCONI, 2003).

No primeiro momento, foi feita a escolha do tema devido ao interesse da pesquisadora sobre o bumba-meu-boi e a afinidade com a Abordagem Gestáltica, e a necessidade dos mesmos serem investigados. Em seguida foi feito um planejamento para organizar a pesquisa e que estivesse concluída em tempo hábil. Posteriormente houve o levantamento bibliográfico, ressaltando que houve dificuldades nessa etapa, pois grande parte do acervo da Biblioteca Central da Universidade Federal do Maranhão relacionada ao tema Bumba-meu-boi estava perdido, segundo o sistema de informações e funcionários.

A fase de localização de obras foi feita na Biblioteca Central da Universidade Federal do Maranhão, na Biblioteca Benedito Leite, na Casa de Cultura Josué

Montello e acervo pessoal da orientadora da pesquisa. Também foram utilizadas bases de dados como Scielo e Pepsic, utilizando os termos de busca “bumba-meu-boi”, “manifestação folclórica”, “processos grupais”, “Gestalt-terapia”, “Gestalt e grupos”, “Abordagem Gestáltica”. A compilação e o fichamento foram feitos concomitantemente com as fases de identificação e localização. Por fim, a análise e compreensão do conteúdo e a redação da pesquisa foram trabalhadas conjuntamente.

Tomou-se como base para a análise e compreensão a Abordagem Gestáltica, no que há o interesse pela figura da pesquisa e por tudo que possa ser relacionada a ela, dando grande importância ao meio que este objeto está inserido (GONZÁLEZ REY, 2011). Alguns conceitos Gestálticos foram escolhidos para nortear o trabalho como contato, campo, autorregulação, ajustamento criativo e figura-fundo.

## 6 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir do que foi investigado na Abordagem Gestáltica e suas contribuições sobre as relações grupais é possível discorrer acerca do funcionamento dos grupos de bumba-meu-boi do Maranhão e de que maneira eles refletem na identidade grupal do povo maranhense. A perspectiva Gestáltica propõe aqui uma reflexão sobre esse campo em que o indivíduo está inserido, atuando junto a outros em uma nova unidade, que representa significados carregados de crenças religiosas, tradicionalismo e a resistência do povo indígena, negro e de classes mais baixas perante o controle e os poderes.

Levando em consideração a importância da manifestação folclórica do bumba-meu-boi na cultura maranhense e a relevância de suas relações intergrupais, pode-se inferir que tais grupos funcionam como um corpo unificado, um todo integrado. Não apenas um aglomerado de pessoas, mas que as crenças e a vontade em conservar as tradições que os antecedem prevalecem como uma entidade energética. Esses propósitos se tornam figura, transformando como primordial os interesses de satisfação grupais e deixando as necessidades individuais em um segundo plano, como fundo.

O sincretismo religioso é a característica mais evidente da cultura popular maranhense, o que remete ao que Ribeiro (1994) vem a conceber o grupo como uma unidade biopsicossocial-espiritual, em que não há como separar a religiosidade e espiritualidade do indivíduo tendo em vista que ele já nasce inserido em um ambiente que é atravessado por estas.

Ao adorar santos da Igreja Católica e ao dedicar homenagens a entidades das casas de religiões afro maranhenses, o bumba-meu-boi cria em sua comunidade um meio de comunicação entre os devotos e sua fé. A dança, a sonoridade e as vestimentas coloridas se tornam um veículo religioso por meio do contato entre seus membros, e entre os membros e as pessoas que os prestigiam, criando uma grande rede de relacionamentos onde cada um significa do seu modo de acordo com o que é percebido individualmente. De acordo com o proposto pela fenomenologia e o existencialismo, é isso o que compõe a existência desse

indivíduo, a singularidade na qual ele experencia o aqui-agora, a maneira única de se relacionar com o outro e com o ambiente de maneira consciente.

É na fronteira de contato que essas trocas acontecem, é nesse entre que os grupos se ajustam criativamente, criando novas formas a cada ano de se apresentarem portando os mesmos objetivos. De acordo com Zinker (2007), o grupo é uma entidade que acolhe pessoas e colaboram para que tornem-se mais criativas desenvolvendo potencialidades. É observado de acordo com os referenciais teóricos apresentados sobre o bumba-meu-boi do Maranhão, em que tudo é interdependente, o som, o movimento e as cores, em que cada membro cumpre suas funções para que o todo seja bem apresentado.

O contato entre os membros da manifestação popular que garante a autorregulação dos grupos, é o que permite que eles existam e se mantenham dentro dessa cultura. O contato também é o que possibilita o crescimento pessoal e grupal, sendo matéria-prima das relações humanas. Cada membro utiliza-se da sua responsabilidade e liberdade para estar incluído no seu grupo, levar como figura a necessidade primordial grupal de representar a cultura popular.

Dessa forma, o contato entre indivíduo-grupo e grupo-comunidade transporta as mensagens que são passadas sobre tradição, fé e resistência, e são percebidas significativamente de acordo com o mundo vivido de cada um. Como Tellegen (1984) afirma, o contato é a realidade primordial e fundamental de um grupo. É a partir do contato que os membros se percebem como integrantes do todo, e se relacionam construindo um grupo saudável, uma unidade dentro de um campo.

Esse todo integrado e interdependente pode ser analisado de acordo com os subgrupos dentro da cada manifestação cultural. Na maioria desses subsistemas, os seus membros devem seguir uma certa ordem de passos em sincronia e de modo repetitivo. Essa é a maneira que cada subgrupo tem para se autorregular e assim manter o equilíbrio do todo orgânico do grupo dentro do campo que se insere.

Assim, mesmo que os caboclos de pena tenham um papel com mais desenvoltura sem seguir passos iguais uns dos outros, eles ajustam-se criativamente de maneira funcional, visto que possuem um alinhamento na posição que ficam no palco da apresentação, com um limite do seu território, todos dispostos

numa linha imaginária desenvolvendo os passos de dança que remetem a cultos ritualísticos de cultura indígena e afrodescendentes.

A maioria dos sotaques também se apresentam nos palcos em formas circulares. O círculo remete a significação de unidade, de uma totalidade, e do que Zinker (2007) vem a destacar como *awareness* grupal, o modo coletivo de se estar ciente da experiência, onde as preocupações e temas são compartilhados grupalmente. Com movimentos repetitivos dentro de uma roda é possível observar a configuração de um grupo de bumba-meu-boi para o trabalho em equipe, uma comunicação uníssona sobre fé e lendas vindas de um inteiro.

Ao ser concretizada a apresentação de um grupo, não é de interesse a habilidade de cada membro, mas todo o resultado e tudo o que interfere para o desenvolvimento da brincadeira. Os passos repetitivos demonstram que a figura é o que é representado como um todo, a maioria dos grupos não possuem destaques de um ou outro membro, mas exibem-se como uma comunidade.

O grupo de instrumentistas também precisam estar em plena harmonia, de maneira que os sons se complementem e possam assim guiar o ritmo da dança dos seus brincantes ajustando-se criativamente de modo funcional, de modo que o grupo se autorregule mantendo seu funcionamento organizado e em equilíbrio. Albernaz (2004) afirma que o boi não deve “atravessar”, termo utilizado quando o ritmo se desorganiza devido alguns instrumentos. No sotaque de matraca o ritmo exige maior trabalho pois são muitos integrantes com instrumentos além da própria comunidade que entra na brincadeira em suas apresentações. Aqui se responsabiliza o comando do amo do boi, possuindo a função de deixar todas as partes do grupo em harmonia, pois quando um subgrupo é abalado, o todo se desestrutura. Quando o boi está em perfeito equilíbrio nos seus subsistemas, ele é chamado de “redondo”, quando todas as suas partes estão integradas e exercendo seu objetivo de ter uma apresentação que agrade a todo o público, completando assim uma *gestalten* para início de uma nova.

Como situa Boris (2013), os grupos passam por três estágios de desenvolvimento. Um grupo existe quando duas ou mais pessoas se reúnem em prol de um objetivo comum. Pensando nos grupos de bumba-meu-boi, configura-se o de permear a tradição cultural maranhense e demonstrar devoção para com os santos juninos. Começar um grupo com o mesmo ideal constrói o sentimento de

pertença e inclusão entre os membros, satisfazendo a primeira necessidade de pertencer e se identificar.

A segunda necessidade, de autonomia, quando os componentes têm consciência de serem controlados por normas, regras e valores do grupo, é representada pela figura do amo que está no grupo com a função de organizar, harmonizar e permitir que todos estejam consoantes com o ensaiado e combinado, é quando todos os membros estão influenciados pelos comandos de controle da brincadeira. Ser orientado por um líder é um dos princípios básicos que Zinker (2007) cita como primordial na existência de um processo grupal. O amo é o responsável em incentivar e estimular o grupo no qual é líder, em que sua presença é sempre sentida e experienciada a sua autoridade perante o restante dos membros, porém com uma liberdade de movimentar-se dentro do campo.

Por fim, há a necessidade de intimidade, na qual as emoções dos membros estão interdependentes, em que os sentimentos de afeição, confiança e apoio são essenciais para o desenvolvimento da brincadeira. São os laços afetivos que permitem que os grupos continuem a existir com melhores apresentações e por mais tempo. O que acontece no período de uma apresentação é sentido e percebido como um todo, as emoções estão voltadas para o que acontece dentro do grupo e no contato que ele teve com seu público, satisfazendo a necessidade de intimidade.

Os estágios de desenvolvimento descritos por Boris (2013) repercutem no que Ribeiro (1994) veio a chamar de três fases do processo grupal, a do campo geográfico, o campo psicológico e o campo comportamental. Para um grupo de bumba-meu-boi se consolidar como um todo integrado, ele precisa superar a fase de campo geográfico, em que cada membro dá importância a sua própria necessidade. Quando se está no campo psicológico o grupo inicia a construção de sua identidade, é o que motiva o grupo a continuar seus objetivos, cria sua própria marca no circuito cultural e passa a significar suas características de acordo com suas crenças. No campo comportamental tudo o que acontece, ocorre como responsabilização grupal, as emoções e sentimentos emergem de acordo com o que acontece no grupo, suas relações intra e extragrupais.

O grupo finalmente aparece como figura, gerando um grau de confluência nos seus membros que neste caso atua de maneira saudável. Quando o brincante se confunde ao próprio grupo, todo o seu comportamento durante a apresentação é

voltada para o bom andamento da performance, satisfazendo a necessidade grupal de demonstrar o resultado do trabalho desenvolvido anualmente no ciclo festeiro. Para Perls (1985, p. 51), “os rituais exigem este sentido de confluência, no qual as barreiras desaparecem e o indivíduo sente-se mais ele mesmo porque está estreitamente identificado com o grupo”.

Retomando a observação de que os grupos da bumba-meu-boi exteriorizam seu som e movimento por meio do contato entre seus membros e entre os membros e a comunidade, é perceptível o que Boris (2013) cita como fator de cooperação nos grupos. Os grupos de bumba-meu-boi maranhenses são compostos de centenas, e por vezes, milhares (principalmente os grupos de sotaque de matraca) de membros, que precisam estar em coesão de som e movimento para se apresentarem do modo desejado, para representarem sua união e devoção aos santos homenageados. E é pelo contato ativo que essas relações de cooperação acontecem no campo.

Um campo só funciona de acordo com suas inter-relações e interdependências de suas partes. Suas toadas, indumentárias, instrumentos e seus membros podem todos serem renovados a cada ano, e perdurando a existência dos grupos. Importante salientar que a mudança é o que alimenta o organismo, o que faz manutenção da sua existência e permite que ele não se extinga. Por isso, além do auto do boi, os grupos utilizam-se constantemente de um ajustamento criativo e representam em suas toadas atualidades políticas, econômicas e sociais sobre o país e sobre o estado maranhense.

O indivíduo que participa desse processo grupal utiliza-se da agressividade para modificar esse ambiente, seja pela coreografia, pelas cores que carrega, pelo instrumento que toca. Dentro dessa manifestação folclórica, é quando a função personalidade do *self* está ali demonstrando a maneira como esse indivíduo se representa no seu meio social. É a partir do seu contato com os membros e com a comunidade que este mesmo constrói seu sentimento de identidade grupal, no qual precisa cooperar com os demais para um bom funcionamento organísmico do grupo, destacando a valorização da cultura maranhense, suas crenças e resistência em questões de raça, etnias e classes sociais.

Portanto, a partir do referencial que se baseia esta pesquisa podemos considerar que os grupos de bumba-meu-boi além de serem veículo para uma necessidade de particularidade individual, ele possui um teor de totalidade social.

Esses grupos podem manifestar necessidades básicas sociais, sendo elas a expressão de fé sem necessariamente precisarem de uma instituição ou igreja para guiá-los, assim como a resistência perante a sociedade atual em que gratifica-se a individualidade, os grupos vêm a valorizar o trabalho em equipe, a união entre todos seus fatores para transmitir sua mensagem como uma totalidade. Pelo contato esses laços afetivos entre membros-grupos e grupos-comunidade se fortalecem, propiciando o crescimento dos seus membros e desenvolvimento de potencialidades relacionadas à cooperação grupal.

A preservação da cultura popular do Maranhão, do tradicionalismo e das crenças religiosas populares são os que podem ser considerados a matriz desses grupos folclóricos, como proposto por Ribeiro (1994). São essas características que nutrem a cultura ou inconsciente grupal, o que fortalece os laços para que os grupos continuem a existir. Dentro do campo da manifestação folclórica, essas expressões de fé e de tradição dos povos negros e índios que são constantes e permanentes, dando base para o processo grupal dessas brincadeiras.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fritz Perls (1985), pai da Gestalt-terapia, percebe o ritual como uma necessidade do ser humano. Ao participar de um ritual o indivíduo satisfaz uma necessidade própria mas também há algo de social, pois confirma que a vida em grupo é indispensável para continuar a existência. O indivíduo sem o seu ambiente, sem ter os outros em relação, se extingue. Por tal motivo, ele está inserido desde o início da vida em diversos grupos, como a família, a escola, o trabalho profissional, o clube esportivo, em que todos contribuem para o crescimento do organismo.

Acreditando nisto, esta pesquisa propôs a investigar o problema de como, a partir de referenciais teóricos, as manifestações folclóricas repercutem nas relações grupais, sob uma perspectiva Gestáltica? Portanto, o objetivo geral desta pesquisa foi analisar, a partir de referenciais teóricos, como as manifestações populares repercutem nas relações grupais, sob uma perspectiva Gestáltica, e os objetivos específicos foram de conhecer o contexto histórico e características do bumba-meu-boi do Maranhão, investigar os pressupostos teóricos da Abordagem Gestáltica e identificar as suas contribuições conceituais sobre relações grupais e revelar a influência das crenças religiosas na identidade grupal maranhense.

Desse modo, analisando as diversas articulações conceituais que nos permitem pensar na relevância dos grupos folclóricos, é pelo contato que as relações dentro desse campo acontecem e o permite funcionar processualmente, de modo cooperativo e como uma trincheira, os batalhões resistem a inúmeras formas de repressões sociais e a glorificação do individualismo. Participando de um grupo, seu membro sente-se pertencente ao seu campo, confunde suas necessidades às necessidades grupais, revelando a identidade grupal do povo maranhense enraizada de crenças, lendas e história da resistência de povos negros, indígenas e da zona rural e interiores.

Da mesma maneira os grupos de bumba-meu-boi podem ser meios para a mudança, crescimento e desenvolvimento de potencialidades do indivíduo, pois dentro destes grupos seus membros estão em constante contato entre eles mesmos e com a comunidade, envolvidos por diversos significados que serão percebidos de acordo com a vivência de cada um.

Satisfazendo a necessidade profunda do indivíduo ele também satisfaz um valor social, confirmando o valor de sobrevivência da vida em grupo, mantendo as pessoas unidas e aumentando sua capacidade de agir como um todo em defesa de suas necessidades grupais.

De acordo com Perls (1985), o grupo assegura seu valor como instrumento para a aquisição de objetivos pela integração das individualidades e funcionamento como um só organismo. Pelo contato, os laços afetivos entre membros-grupos e grupos-comunidade são fortalecidos e por meio deles há crescimento e desenvolvimento de potencialidades de seus membros relacionadas à cooperação grupal por meio da cultura popular de priorizar satisfazer a necessidade de preservar as crenças e tradição da cultura popular do estado.

As crenças religiosas são a grande característica desses grupos que representam a identidade grupal maranhense, nos quais o sincretismo religioso é observável pela preservação das lendas de Catirina, Dom Sebastião e de São João, as quais resguardam a religiosidade mística dos índios, as raízes afro-maranhenses e o catolicismo brasileiro. A manifestação folclórica funciona então como um meio de comunicação de fé dos grupos para a comunidade, assim como satisfaz a necessidade pessoal para ser abençoado ou agradecer aos santos ou entidades que se crê.

Dito isto, a presente análise alcançou seus objetivos e construiu conhecimento científico a respeito das manifestações folclóricas do estado do Maranhão, o que durante o levantamento bibliográfico sentiu-se dificuldades em encontrar literatura científica sobre a cultura popular que é tão presente e importante para identidade maranhense. Também salienta-se a necessidade de uma pesquisa de campo para maior aprofundamento e confirmação do estudado e concluído, além de ser conveniente especificar a investigação em um só sotaque ou grupo, devido as grandes diferenças características encontradas entre eles. Contudo, esta etapa bibliográfica foi de suma relevância para introdução do conhecimento das manifestações populares de acordo com as contribuições da Abordagem Gestáltica sobre as relações grupais.

## REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. **O “urrou” do boi em Atenas**: instituições, experiências culturais e identidades no Maranhão. 2004. Tese (doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280094/1/Albernaz\\_LadySelmaFerreira\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280094/1/Albernaz_LadySelmaFerreira_D.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2018.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc. Grupos gestálticos: uma proposta fenomenológica de facilitação da cooperação. Rio de Janeiro: **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, vol. 13, n. 3, 2013. (p.1124-1158). Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812013000300017&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812013000300017&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 29 maio 2018.

\_\_\_\_\_. Sobre Fritz Perls e “Ego, fome e agressão” (1993). In: PERLS, Frederick. **Ego, fome e agressão**: uma revisão da teoria e do método de Freud. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

CARDOSO, Claudia Lins. Grupos terapêuticos na abordagem gestáltica: uma proposta de atuação clínica em comunidades. Rio de Janeiro: **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, ano 9, n. 1, 2009. (p. 122-136). Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a10.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2018.

CARDOSO, Rafael. Unesco pode reconhecer Bumba-meu-boi como Patrimônio Imaterial da Humanidade. **G1 Maranhão**, São Luís, 5 abr. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/unesco-pode-reconhecer-bumba-meu-boi-como-patrimonio-imaterial-da-humanidade.ghtml>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. **Carta do Folclore Brasileiro**. VIII Congresso Brasileiro de Folclore, Salvador, 12-16 dez. 1995. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

D'ACRI, Gladys; LIMA, Patrícia; ORGLER, Sheila. **Dicionário de Gestalt-terapia**: "Gestaltês". 2ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

FERRETTI, Mundicarmo. **Matriarcado em Terreiros de Mina do Maranhão - Realidade ou Ilusão?**. [mar. 2007]. São Luís, Universidade Federal do Maranhão, 2007. Trabalho apresentado no III Encontro de Pesquisadoras/es Maranhenses sobre Gênero, Mulheres e Cidadania – Feminismos, Ciências e Universidade. Disponível em: <<http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/vol5/artigo2vol5-1.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

FERRETTI, Sérgio. **Encantaria Maranhense de Dom Sebastião**. [maio 2011]. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2011. Comunicação Plenária apresentada no Congresso Europa das Nacionalidades: Mitos de Origens, discursos Modernos e Pós-Modernos. Disponível em: <<http://estudosculturais.com/congressos/europe-nations/pdf/0069.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Religião e festas populares**. [set. 2007]. Buenos Aires, 2007a. Comunicação apresentada na Mesa Redonda 06 Religiões / Culturas Populares na XIV Jornada sobre Alternativas Religiosas em América Latina. Disponível em: <<https://gurupi.ufma.br/jspui/bitstream/1/189/1/Religiao%2520e%2520Festas%2520Populares.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. Religiões afro-brasileiras e o pentecostalismo no fenômeno urbano. In: BATISTA, P. A. N., PASSOS, M. e SILVA, W T. **O sagrado e o urbano: Diversidade, manifestações e análise**. São Paulo: Paulinas, 2008. p 109-126. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/bitstream/1/192/1/Rel%2520Afro%2520e%2520Pentecostalismo.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Sincretismo e religião na festa do divino. **Revista ANTHROPOLOGICAS**, Recife, v. 18(2), ano 11, p. 105-122, 2007b. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/144/129>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2002. Apostila. Disponível em: <[http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Apostila\\_-\\_METODOLOGIA\\_DA\\_PESQUISA%281%29.pdf](http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/lapnex/arquivos/files/Apostila_-_METODOLOGIA_DA_PESQUISA%281%29.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2018.

FRAZÃO, Lilian Meyer. Apresentação à edição brasileira. In: PERLS, Frederick; GOODMAN, Paul; HEFFERLINE, R. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus Editorial, 1997.

\_\_\_\_\_. Apresentação à edição brasileira. In: PERLS, Frederick. **Ego, fome e agressão: uma revisão da teoria e do método de Freud**. São Paulo: Summus Editorial, 2002.

GARINI, Ana Paula. **Contribuições do grupo terapêutico de abordagem gestáltica no tratamento do transtorno depressivo recorrente moderado a grave**. 2014. Dissertação (Mestrado em Fisiopatologia Experimental) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5160/tde-04032015-153511/publico/AnaPaulaGariniVersaocorrigida.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2018.

GINGER, Serger; GINGER, Anne. **Gestalt: uma terapia do contato**. São Paulo: Summus Editorial, 1995.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

HOLANDA, Adriano Furtado; KARWOWSKI, Silvério Lucio. Produção acadêmica em gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. **Psicologia: Ciência e profissão**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 60-71, jun. 2004. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932004000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 22 maio 2018.

HOLANDA, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 3, p. 363-372, jul. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312006000300010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312006000300010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 jun. 2018.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Bumba-meu-boi: som e movimento**. São Luís: Iphan/MA, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão: dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil**. São Luís: Iphan/MA, 2011b. Disponível em:

<[http://portal.iphan.gov.br/uploadINSTs/ckfinder/arquivos/Dossie\\_bumba\\_meu\\_boi\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploadINSTs/ckfinder/arquivos/Dossie_bumba_meu_boi(1).pdf)>. Acesso em: 28 abr. 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MELO, Armando Sérgio Emerenciano; MAIA FILHO, Osterne Nonato; CHAVES, Hamilton Viana. Conceitos básicos em intervenção grupal. **Encontro – Revista de Psicologia**, Londrina, vol. 17, n. 26, p. 47-63, 2014. Disponível em: <<http://www.pgskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/view/2414/2316>>. Acesso em: 19 jun. 2018.

MILLER, Michael Vincent; FROM, Isadore. Introdução à Edição do The Gestalt Journal. In: PERLS, Frederick; GOODMAN, Paul; HEFFERLINE, R. **Gestalt-terapia**. Summus Editorial, São Paulo, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) et. al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002. p. 9-29.

NASCIMENTO, Lázaro Castro Silva. **Perspectivas gestálticas sobre espiritualidade/religiosidade**. 2015. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/40440/R%20-%20D%20-%20LAZARO%20CASTRO%20SILVA%20NASCIMENTO.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2018.

OLIVEIRA, Andréa. **Nome aos bois: tragédia e comédia no bumba-meu-boi do Maranhão**. São Luís, 2003.

PERLS, Fritz. **A abordagem gestáltica e Testemunha ocular da terapia**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

PERLS, Frederick S. Gestalt-terapia e potencialidades humanas. In: STEVENS, John O. (org). **Isto é gestalt**. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial, 1975. p. 19-27

\_\_\_\_\_. **Gestalt Terapia explicada**. São Paulo: Summus Editorial, 1977.

PERLS, Frederick; GOODMAN, Paul; HEFFERLINE, Ralph. **Gestalt-terapia**. Summus Editorial, São Paulo, 1997.

REIS, José Ribamar Sousa dos. **O abc do bumba-boi do Maranhão**. São Luís, 2005.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. Eu-tu-nós: a dimensão espiritual da alteridade nos ciclos de contato. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 135-146, jun. 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672007000100010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100010)>. Acesso em: 19 maio 2018.

\_\_\_\_\_. **Gestalt-terapia – o processo grupal: uma abordagem fenomenológica da teoria do campo e holística**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da; FERREIRA, Carla Georgea Silva. [jun. 2008]. **ESTREITANDO FRONTEIRAS: Territorialidade e Identidade no Bumba-meu-boi do Maranhão**. Porto Seguro, Centro Cultural de Eventos do Descobrimento, 2008. Disponível em: <[http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/grupos\\_de\\_trabalho/trabalhos/GT%2013/carlos%20benedito%20r%20da%20silva.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2013/carlos%20benedito%20r%20da%20silva.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

SPITZER, Robert S. Prefácio. In: PERLS, Fritz. **A abordagem gestáltica e Testemunha ocular da terapia**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

TELLEGEN, Thérèse Amelie. **Gestalt e grupos: uma perspectiva gestáltica**. São Paulo: Summus Editorial, 1984.

YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

ZIMERMAN, David Epelbaum. Importância e conceituação de grupo. In: \_\_\_\_\_ . **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993. p. 51-54.

ZINKER, Joseph. **Processo criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus Editorial, 2007.